



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS A DISTÂNCIA
MONOGRAFIA
EAD – UFSC – POLO PALHOÇA**

LUCIA IZABEL DOS SANTOS TELEXA

**CAROLINA MARIA DE JESUS: UM ESTUDO SOBRE SUA OBRA NO GOOGLE
ACADÊMICO E NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES**

Florianópolis

2019

LUCIA IZABEL DOS SANTOS TELEXA

**CAROLINA MARIA DE JESUS: UM ESTUDO SOBRE SUA OBRA NO GOOGLE
ACADÊMICO E NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens e Educação a Distância do Polo de Palhoça/SC, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientador: Prof. Dr. José Ernesto de Vargas

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Thaís Fernandes

Tutora: Sandra Dias da Luz

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Telexa, Lúcia Izabel dos Santos

Carolina Maria de Jesus : um estudo sobre sua obra no
Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES / Lúcia
Izabel dos Santos Telexa ; orientador, Prof. Dr. José
Ernesto de Vargas, coorientador, Prof.^a Dr.^a Thaís
Fernandes, 2019.

58 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Linguagens e Educação a
Distância do Polo de Palhoça/SC, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Linguagens e Educação a Distância. 3. Currículo escolar.
4. Cânone literário. 5. Escrivência. 6. Literatura
marginal. I. de Vargas, Prof. Dr. José Ernesto. II.
Fernandes, Prof.^a Dr.^a Thaís. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em
Linguagens e Educação a Distância do Polo de Palhoça/SC. IV.
Título.

LUCIA IZABEL DOS SANTOS TELEXA

**CAROLINA MARIA DE JESUS: UM ESTUDO SOBRE SUA OBRA NO GOOGLE
ACADÊMICO E NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens e Educação a Distância do Polo de Palhoça/SC, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Celdon Fritzen

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Thaís Fernandes

Coorientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Ma. Bruna Santana Anastácio

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Jair Zandoná

Avaliador

Universidade Federal de Santa Catarina

À Carolina Maria de Jesus, *in memoriam*, pela história de vida, pela mulher guerreira que deixou exemplos de luta.

Aos meus pais, *in memoriam*, pelos ensinamentos de vida que me fizeram crer na igualdade de todos.

Aos meus filhos que sempre me dão apoio em tudo.

Aos meus netos, razão para deixar sementes para a construção de um mundo novo.

Aos meus alunos, motivo do meu interesse em intervir para a mudança do currículo que incluía a Todos.

Agradecimentos

Aos professores do curso que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais na vida acadêmica.

Aos tutores, especialmente, Sandra Dias da Luz, que sempre esteve disponível para esclarecer as nossas dúvidas.

À orientadora Prof.^a Dr.^a Thaís Fernandes que colaborou com questões relevantes para o aprimoramento do Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens e Educação a Distância.

*No céu não há preconceito
Lá não pretere o preto
Não há orgulho nem vaidade
Reino que para lá chegar
É necessário praticar:
A caridade.*

Carolina Maria de Jesus (1996, p. 79).

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre sua obra no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES em que se apresenta através de uma revisão sistemática, artigos, dissertações e teses que retratam a presença da escrita da autora na escola. Para tanto, buscou-se por palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Currículo escolar; Cânone literário; Escrivência; Literatura marginal. A intenção foi perceber se Carolina Maria de Jesus, considerada uma das mais importantes escritoras negras do País, aparece no currículo escolar. A obra de Carolina, *Quarto de Despejo, Diário de uma favelada* (1960), tornou-se um *best-seller*, foi traduzida em 16 idiomas e vendida em mais de 40 países. O mundo inteiro conheceu essa mulher negra e favelada que escrevia sobre sua realidade de maneira essencialmente poética. Contudo, hoje em dia, muitos brasileiros desconhecem a escrita dela. Por isso, pergunta-se: a escola conhece Carolina Maria de Jesus? Para a realização deste trabalho, a discussão de conceitos como Currículo escolar, Cânone literário, Escrivência; Literatura marginal foram fundamentais. Para discutir esses conceitos usou-se os preceitos teóricos de autores referência na área, tais como: Paulo Freire (1997), João Wanderley Geraldi (1999), Mikhail Bakhtin (1999 [1929]), Marisa Lajolo (2017), Conceição Evaristo (1995).

Palavras-chave: Currículo escolar. Cânone literário. Escrivência. Literatura marginal.

ABSTRACT

This research deals with Carolina Maria de Jesus: a study about her work in Google Scholar and in the CAPES Journal Portal in which she presents herself through a systematic review, articles, dissertations and theses that portray the presence of the author's writing in school. Therefore, we searched for keywords: Carolina Maria de Jesus. School curriculum; Literary canon; *Escrevivência*; Marginal literature. The intention was to understand if Carolina Maria de Jesus, considered one of the most important black writers of the country, appears in the school curriculum. Carolina's work, *Dump Room, Diary of a Slum* (1960), became a bestseller, translated into 16 languages and sold in over 40 countries. The whole world has known this black and slum woman who wrote about her reality in an essentially poetic way. However, many Brazilians today are unaware of her writing. So the question is: does the school know Carolina Maria de Jesus? For the realization of this work, the discussion of concepts such as school curriculum, literary canon, writing; Marginal literature was fundamental. To discuss these concepts, we used the theoretical precepts of reference authors in the area, such as: Paulo Freire (1997), João Wanderley Geraldi (1999), Mikhail Bakhtin (1999 [1929]), Marisa Lajolo (2017), Conceição Evaristo (1995).

Keywords: School curriculum. Literary canon. *Escrevivência*. Marginal literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens de Cruz e Souza, Antonieta de Barros e Carolina Maria de Jesus.....	21
Figura 2 - Sete passos da revisão bibliográfica sistemática.....	35
Figura 3 - Homenagem do Google para os 100 anos de Carolina Maria de Jesus.....	38
Figura 4 - Print da consulta no Google Acadêmico.....	39
Figura 5 – Print da busca no Portal de Periódicos da CAPES.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum

LDB - Lei de Diretrizes e Básicas Nacionais de Educação

MEC - Ministério da Educação e Cultura

Q.D. - Quarto de despejo

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Unicamp - Universidade de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Por que procurar Carolina Maria de Jesus nas ferramentas acadêmicas?	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 Currículo Escolar.....	25
2.2 Cânone Literário	26
2.3 Escrivência	29
2.4 Literatura Marginal	30
3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA NO GOOGLE ACADÊMICO, NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES E NO PORTAL DE CATÁLOGOS E TESES DA CAPES	34
3.1 Como faremos a busca por Carolina Maria de Jesus nas ferramentas acadêmicas?.....	34
3.2 Carolina Maria de Jesus no Google acadêmico.....	36
3.3 Carolina Maria de Jesus no Portal de Periódicos da CAPES.....	41
3.4 Carolina Maria de Jesus no Portal de Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES.....	43
3.5 Análise de dados.....	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
MAIS DE CAROLINA.....	57

1 INTRODUÇÃO

Muito se debate, hoje em dia, sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sobre como proceder em sala de aula para que os alunos tenham interesse pelas atividades escolares e que aprendam com prazer. No meu caso, professora de língua portuguesa, sempre fiquei observando as atitudes dos alunos em relação ao conteúdo e como conseguiam aprender.

No Brasil, temos a BNCC, que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”¹. A Base Nacional Comum foi definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), que alerta para a importância de os currículos nortearem os sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, “como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil” (BRASIL, 2013, s. p.) Este documento indica os conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os aprendizes desenvolvam ao longo da escolaridade básica:

Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2013, s. p.).

O mote desta monografia será direcionado justamente para as palavras finais desta citação, ou seja, nós professores e toda a comunidade escolar devemos estar atentos à formação integral do aluno, construindo uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Pensando exatamente na inclusão: será que o currículo escolar contempla questões que construam a inclusão? Referimo-nos ao modo como conteúdo, literatura, livros didáticos e cânone são abordados na área de língua portuguesa, principalmente. Esses materiais contribuem, aproximam-se da realidade do aluno das escolas públicas? Essas indagações surgiram quando comecei a lecionar e percebi que o cânone literário ainda é construído sob o olhar do colonizador, do branco.

¹ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Depois de ler *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955)², fiz perguntas relacionadas à autora Carolina Maria de Jesus para os professores e também aos alunos e a resposta foi a mesma, ninguém conhecia a autora. Foi a partir daí que se começa a pesquisa por artigos, dissertações e teses para entender porque uma das escritoras brasileiras mais vendidas no exterior foi obliterada no Brasil. A hipótese mais aceitável encontrou-se numa dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A dissertação é de Pedro da Silva de Melo e tem o título de *Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: um estudo sociolinguístico de Quarto de Despejo* (2014). Nesta dissertação, Pedro da Silva de Melo destaca que Carolina Maria de Jesus já foi chamada de escritora improvável, justamente por ser negra, mulher, neta de pessoas escravizadas, nascida sob o estigma da miséria, mas sobretudo, por haver estudado apenas os dois primeiros anos do que conhecemos hoje como sendo o Ensino Fundamental e ter passado a vida inteira lutando inutilmente contra a miséria e o preconceito racial (MELO, 2014, p. 14).

Atrevo-me a afirmar que foram esses os motivos que fizeram com que a autora fosse esquecida, embora sua obra, *Q.D.*, tenha causado grande impacto em sua época porque Carolina soube retratar muito bem o Brasil e a pobreza em plenos “anos dourados”³ da década de 1950.

Carolina Maria de Jesus tentou várias vezes publicar seus livros, mas não teve êxito. Contudo, nos anos dourados, seu diário chamou a atenção do público-leitor.

Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy,

seu diário teria despontado no cenário nacional nas agitações políticas que marcaram os chamados “anos dourados”, iniciados no governo de JK. No quadro da contracultura cabiam tipos sociais que representassem as contradições nacionais. Nesse conjunto, a experiência de mulher batalhadora que sobrevivia graças ao lixo da cidade valia como argumento de interesse social. Foi assim que Carolina se transformou em representante de temas que empolgavam o debate político da esquerda e da direita (MEIHY, 2010, p.61, *In* BARCELLOS, 2014, não paginado).

Depois desse movimento, a escritora “improvável”, descoberta por Audálio Dantas, foi obliterada. E será que esses fatores a deixaram fora dos bancos escolares também? Para responder a esta pergunta realizou-se buscas em ferramentas de pesquisa on-line como o Google

² Neste trabalho iremos nos referir à obra *Quarto de despejo; diário de uma favelada* por suas iniciais Q.D.

³ Foi a década em que começaram as transmissões de televisão, provocando uma grande mudança nos meios de comunicação. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalistas e socialistas (Guerra Fria) ganhavam cada vez mais força. A década de 1950 é conhecida como o período dos “anos dourados”. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_50.htm. Acesso em: 12 ago. 2019.

Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e Portal de Teses e Dissertações CAPES, os quais acolhem trabalhos acadêmicos de diversos temas. O objetivo dessas buscas foi o de mapear a presença de Carolina Maria de Jesus nos bancos escolares; para tanto, usou-se as seguintes palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Currículo escolar. Cânone literário. Escrevivência. Literatura marginal.

Com a pesquisa encontrou-se subsídios para responder sobre a presença dos autores negros na escola, observando principalmente se o currículo é excludente, ou seja, se o currículo privilegia alguns autores.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma autora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do país. Contudo, mesmo com o livro *Q.D.* transformado em *best-seller*, ela não se beneficiou do sucesso e das vendas, voltando a ser catadora de papel⁴. *Q.D.* foi traduzido para 13 idiomas⁵. Neste livro, Carolina narra sua experiência como mulher pobre e negra vivendo nos anos 1950, quando veio para São Paulo. É um depoimento único e comovente sobre a dinâmica social urbana sob o ponto de vista dos marginalizados.

Em 1960, a autora brasileira ganhou reconhecimento ao redor do mundo após a publicação de *Q.D.* O responsável pelo tratamento dos diários para publicação foi o jornalista Audálio Dantas, conhecido como o descobridor da escritora enquanto ela ainda morava na favela do Canindé.

A ideia da escrita do diário pode ter sido por seu contato com uma biblioteca, no seu primeiro trabalho como empregada doméstica na casa de um médico paulista. É ali que, com pouco estudo, mas com muita curiosidade, ela começou a ler. Neste emprego, a literatura torna-se amante de Carolina e depois será o seu ofício. Quando começou a trabalhar como catadora de lixo, Carolina começa a catar as palavras e escreve o diário que ficou consagrado na sua vida como escritora.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de pessoas escravizadas e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com mais sete irmãos. Ficou pouco tempo na escola, mas desenvolveu o gosto pela leitura e escrita. Para ingressar na escola, ela teve o incentivo de Maria Leite

⁴ Informação disponível em: <http://laspretas.com.br/carolina-maria-de-jesus/>.

⁵ Informação disponível no Jornal Opção, 01 jun. 2018, edição 2237, em texto escrito por Euler de França Belém. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/audalio-dantas-revelou-escritora-favelada-que-conquistou-a-revista-time-e-alberto-moravia-126914/>.

Monteiro de Barros, uma das freguesas de sua mãe. Com sete anos, entrou para o colégio Alan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda séries do Ensino primário.

Em 1924, sua família mudou-se para Lageado, onde trabalharam como lavradores em uma fazenda. Em 1927, voltaram para Sacramento. Em 1930, a família desloca-se para Franca, São Paulo, onde Carolina arruma trabalho como lavradora e, depois, como empregada doméstica. Aos 23 anos, ela perde a sua mãe e vai morar na capital paulista, emprega-se como faxineira na Santa Casa de Franca e, mais tarde, como empregada doméstica. Em 1948, muda-se para a favela do Canindé. Carolina foi mãe de três filhos, Vera Eunice de Jesus Lima, João José de Jesus, José Carlos de Jesus, todos provenientes de relacionamentos diferentes.

Meu encontro com Carolina Maria de Jesus tem muito a ver com a temática deste trabalho, que se dedicou a investigar sobre os lugares que se abrem para a escrita de alguém que teve um livro tratado como *best-seller*, mas que em pouco tempo desaparece do cenário como escritora.

Ao ler *Q.D.*, nas primeiras páginas, começa-se a entender que se está diante de um texto repleto de possibilidades para interagir com os alunos, por se tratar do gênero textual diário. Esse gênero literário é mote para produções textuais na disciplina de língua portuguesa. Muitas vezes, o professor de língua portuguesa enfrenta dificuldades em fazer com que seus alunos escrevam textos, por isso é relevante que se tenha como exemplos histórias que sejam do interesse dos alunos ou até mesmo histórias que sejam parecidas com suas vidas. Como diz João Wanderley Geraldi (2011 [1984], p. 42), é preciso que o aluno tenha o que dizer e queira dizer, pois assim ele escreverá com maior gosto. Entende-se que a história de Carolina e o seu projeto literário pode interessar aos alunos. Quando se apresenta exemplos de textos mais próximos ao cotidiano do aluno, fica mais fácil para eles entenderem o gênero.

Além de *Q.D.*, Carolina teve publicados os livros: *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961); *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1965). Após a sua morte, foram publicados: *Diário de Bitita* (1977), *Um Brasil para brasileiros* (1982), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996), *Onde estaes felicidade* (2014), *Meu sonho é escrever – Contos inéditos e outros escritos* (2018).

Considera-se que a autora deixou um legado que não pode deixar de ser considerado, são 105 anos da passagem de uma escritora negra que é sempre lembrada nos círculos em que se luta pela descolonização do currículo⁶, mas ainda há muito a se fazer. Contudo, já se percebe

⁶ A pesquisa já apontou para a importância da inclusão do aluno, optando por autores que se aproximassem da realidade deles. Atualmente, temos a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica. Contudo, “ela exige mudança de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de

um movimento em prol de sua escrita, embora haja discussões sobre se a obra de Carolina Maria de Jesus é literatura do cânone, pois muitos são os críticos que a classificam como literatura marginal. Pode-se exemplificar isso com uma fala do professor Ivan Cavalcanti Proença, que colocou em dúvida o talento literário de Carolina Maria de Jesus, homenageada pela Academia Carioca de Letras. O professor Ivan disse: “O livro ‘Quarto de despejo’ não é literatura. Outros intelectuais paulistas também argumentaram: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”⁷.

Esta monografia partiu do pressuposto de que Carolina Maria de Jesus não faz parte do cânone literário e, por isso, não circula nos bancos escolares. Mas, sabe-se que as universidades são relevantes para a mudança do cânone, logo, ao escolher as obras para os vestibulares, as universidades podem mudar conceitos. Parafraseando Marisa Lajolo, ao lado de Jorge Amado e de Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) integra a lista de leituras exigidas pelo Vestibular 2019/2 da UFSC, uma das melhores universidades do Brasil. A autora também está ao lado de Machado de Assis, Clarice Lispector, José Saramago e Camões na lista de vestibular 2019 da Unicamp. Estando ao lado de escritores do cânone, Marisa Lajolo a considera cânone (LAJOLO, 2017, s. p.).

Neste contexto, Marisa Lajolo sustenta que “como universidades – sobretudo as de excelência, como a Federal de Minas Gerais e a Unicamp – são fiadoras do cânone literário, a presença de *Q.D.* na lista de leituras de seu vestibular renova esperanças” (LAJOLO, 2017, s. p.). Para Lajolo,

A universidade de hoje – e aqui penso sobretudo na universidade pública – tem em seu corpo discente moças e moços que há meio século nem pensavam em frequentá-la. As cotas alteraram o panorama, e é bem possível que hoje muitas Carolinas e seus filhos a frequentem. Neste novo cenário, a inclusão de *Quarto de despejo* nas leituras para o vestibular talvez expresse, no âmbito bibliográfico, o que as cotas representam no âmbito social (IMS, 2017, s. p.).

Assim, Marisa Lajolo aponta ainda que, mesmo com muitas polêmicas, a indicação de *Q.D.* para o vestibular vai modificar o conceito de literatura, como fizeram as produções de Chico Buarque e Caetano Veloso que chegaram até livros didáticos pela intervenção de mestrados e doutorados. Então, “o conceito de literatura – felizmente! – Alarga-se” (LAJOLO,

representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade” (Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, jan. /abr. 2012).

⁷ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>. Acesso em: 12 ago. 2019.

2017, s. p.). Alargando-se o conceito de literatura, Marisa Lajolo lembra do poema que com sabedoria, Carolina Maria de Jesus intuiu e tematizou:

Eu disse: o meu sonho é escrever
 Responde o branco: ela é louca
 O que as negras devem fazer ...
 É ir pro tanque lavar roupa

(JESUS, 1996b, 43).

O poema descreve bem o intuito da monografia que é colocar Carolina Maria de Jesus em sala de aula, mostrando que qualquer pessoa pode escrever e que o conceito de literatura pode ser repensado a qualquer momento, pois “a definição *do que é* ou *do que não é* literatura relativiza-se. E, relativizando-se, esfrega no nariz dos interessados na questão o contágio do *literário* pelo *social, econômico, étnico, etc.*” (LAJOLO, 2017, s. p.).

Em sala de aula de língua portuguesa, a ordem sempre é ler, interpretar e escrever. E, para conseguir escrever um bom texto, o aluno precisa “ter o que dizer, razão para dizer o que tem a dizer, alguém para dizer o que quer dizer” (GERALDI, 1997, p. 137).

Assim, a proposta desta monografia é considerar a presença dos textos de Carolina Maria de Jesus nos bancos escolares, concordando com Paulo Freire (1997, p. 11), “língua e realidade se prendem dinamicamente”, considerando assim, que as atividades com leitura e escrita em sala de aula precisam fazer sentido para os alunos.

1.1 Por que procurar Carolina Maria de Jesus em ferramentas acadêmicas de busca?

Ao buscar artigos que falem sobre a escritora Carolina Maria de Jesus pretende-se verificar se ela aparece nos currículos escolares brasileiros de alguma forma. Esta ideia provém do fato de Carolina ter sido uma das autoras brasileiras mais editadas para outros países, mas sua literatura ainda é considerada, por alguns críticos, como uma literatura marginal e, portanto, menor. Sendo assim, a pesquisa se propõe a observar que tipo de literatura é oferecida aos alunos e investigar se a escola privilegia algum cânone literário.

Depois de conhecer a escritora Carolina Maria de Jesus, fica uma dúvida: Carolina Maria de Jesus com o seu livro autobiográfico, *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* (1960) é apresentada nas escolas, já que sua escrita rompe com os padrões da língua? Buscou-se por artigos que falaram da escritora e separou-se apenas aqueles que fizeram menção à sua escrita no contexto escolar. Com isso, fez-se uma investigação para saber se a literatura dita marginal faz parte dos currículos escolares.

Para Freire (1967), o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas provenientes de contextos sociais de vulnerabilidade, levá-los a entender sua situação de oprimidos e proceder em favor da própria libertação. Nesse sentido, é importante levar aos alunos exemplos de pessoas desfavorecidas, que lançaram mão de voz para denunciar as mazelas de suas vidas, para que outros viessem a ter coragem de resistir e se impor ao opressor. Freire (1967) afirma que o sentido da alfabetização está em aprender a “escrever a própria vida, ser autor e testemunha de sua história”, ou seja, “biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FIORI, 1987, *apud* FREIRE, 1967, p. 06). Pois, foi exatamente isto que Carolina Maria de Jesus fez ao escrever *Q. D.*⁸.

Uma escola precisa valorizar a cultura do aluno. Mas, o que é cultura? No dicionário Aurélio (2010), diz-se que cultura é instrução, saber, estudo. Pensando assim, há um equívoco que atribui ao conceito de cultura refinamento e sofisticação. Quem nunca ouviu a expressão *sem cultura* referindo-se ao sujeito que não estudou? Neste contexto, se um sujeito lê *bons livros* ou ouve *boa música* é tido como culto, caso o contrário, é considerado como um indivíduo sem cultura. Talvez, tenha sido por este viés que a escola privilegia o cânone literário para transmitir conhecimento aos alunos, não levando em consideração a cultura de determinados grupo sociais. Normalmente, os bancos escolares escolhem autores de grande alcance cultural, no sentido de refinamento e sofisticação, para trabalhar com seus alunos.

Deve-se lembrar que foi servindo-se desse argumento que os portugueses dominaram e massacraram indígenas quando desembarcaram no nosso País. Como os indígenas não eram parecidos com os portugueses, que se definiam como um povo rico culturalmente a partir de seus próprios parâmetros, vale dizer, foram considerados sem cultura. Assim, estabelece-se que os indígenas deveriam ser dominados e convertidos. Mais ou menos como acontece dentro das escolas, em que se privilegia a cultura da elite/colonizador. No que tange aos indígenas, sabe-se que se perdeu uma cultura riquíssima, sem falar na diversidade de línguas que os povos originários falavam.

E em relação aos negros e negras? Sabemos que as pessoas escravizadas foram apartadas de suas terras e de sua cultura, forçadas ao trabalho, sob o truculento domínio português, mas que contribuíram para a formação do Brasil. Mas, na escola? Existem autores(as) negros(as) no currículo escolar? Como a cultura do negro(a) é tratada?

⁸ Estamos usando a abreviação de Quarto de despejo, pois citamos muitas vezes.

Em seu livro *O crisântemo e a espada*, Ruth Benedict (1972, s. p.) afirma que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. ”

Tal atribuição leva-nos a pensar no por que a escola adota determinados autores em detrimento de outros e que não existe uma razão a não ser a do preconceito que justifique isto.

Por isso, a necessidade de levar Carolina Maria de Jesus e autores(as) negros(as) para as escolas. Carolina Maria de Jesus, autora negra que, pela sua escrita/vivência, principalmente no livro *Q.D.*, pode gerar discussões para produzir conhecimentos aos alunos, pois sua escrita mostra a cultura de um grupo social que normalmente não é visto nas escolas e isso pode propiciar um entendimento de que qualquer pessoa pode ter histórias para contar, mesmo que sejam histórias de vida tão singelas – daí também a relevância. Conhecendo a história de vida de Carolina Maria de Jesus, os alunos poderão também sentirem-se motivados a escreverem suas próprias histórias de vida, o que pode ajudar no processo de aprendizagem da língua.

Para reforçar a ideia de que o texto de Carolina pode conscientizar o aluno e levá-lo a um processo de libertação, nos embasaremos também nos pressupostos de João Wanderley Geraldi com o seu livro *O texto na sala de aula* (1999). Geraldi, na década de 1980, apresentou uma proposta inovadora do ensino de língua portuguesa ao tomar o texto como objeto de estudo e, com o interacionismo linguístico, propõe uma forma diferente de tratar o texto. Dessa maneira, ele desconstruiu certezas, fazendo emergir uma nova reflexão sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas.

Pode-se tomar o texto de Carolina Maria de Jesus como objeto de estudo e se tem um universo de questões para tratar, como discussões sobre gênero, raça, literatura marginal, preconceito linguístico, escrevivência, além das questões de análise linguística e sociolinguística.

Ao escrever *Q.D.*, Carolina Maria de Jesus utiliza a escrita para representar a si mesma e realiza uma sequência de reflexões sobre a sua vida, sobre o momento do país e sobre a sua interação na comunidade, no caso, a favela do Canindé.

Além do mais, é importante citar que, conforme artigo de Elzira Divina Perpétua (2014), “A proposta estética em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”:

o que poucos sabem é que a questão estética foi sempre uma preocupação da própria Carolina, que possuía uma ideia bastante diferente de seu editor a respeito do diário. Para ela, o diário era pornográfico, no sentido de conter temas nada relevantes sobre a favela do Canindé – a fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social. No registro de seu cotidiano de catadora de material descartável, a trapeira fornecia

um retrato daquela parte da cidade que nunca tinha sido registrado sob aquele ângulo (PERPÉTUA *In SCRIPTA*, 2014, p. 257).

Assim, pode-se afirmar que o diário, escrito na década de 1950, descreve não apenas a história de uma mulher mineira, migrante, pobre, favelada, negra, mãe solteira, mas registra a realidade de carência e pobreza vivenciada por ela e pelas pessoas que ali vivem/convivem.

Esta série de temas como exclusão social, pobreza, preconceito, falta de moradia faz parte da vida dos estudantes das escolas públicas. Nesse sentido, sabendo que os alunos de escolas públicas chegam à escola com muitas histórias de vida e que também apresentam problemas com a leitura e a escrita, procura-se através de *Quarto de despejo; diário de uma favelada* colaborar para que os alunos reflitam e sejam críticos com a leitura do livro.

Assim, o objetivo da monografia foi recompor o percurso literário de Carolina Maria de Jesus buscando artigos no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes. Pesquisou-se trabalhos acadêmicos que refletiram sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus em sala de aula e, além disso, que discutiram os pontos mais relevantes que a literatura de Carolina tocou. Pontos como o cânone literário, o currículo escolar, a escrevivência, ou seja, como a autora construiu em narrativa sua e a de outras vidas, principalmente, em *Q.D.*

Estudou-se a questão da literatura marginal, observando como os autores do *corpus* da pesquisa abordaram esta temática. O número de artigos, dissertações e teses foi muito amplo, pois Carolina Maria de Jesus tem sido considerada por meio de diferentes abordagens. Por isso, não foi possível descrever todos os artigos, sendo assim, os artigos referentes à presença de Carolina Maria de Jesus em sala de aula foram priorizados, de maneira a repercutir à pergunta deste trabalho de conclusão de curso: Carolina Maria de Jesus faz parte do currículo escolar?

E os autores(as) negros(as) estão nas escolas? Essa pode ser uma questão para outras monografias, por enquanto vamos deixar neste trabalho uma singela homenagem e um sincero agradecimento às pessoas que colocaram as imagens de Cruz e Souza e Antonieta de Barros no centro da linda cidade de Florianópolis.

Figura 1 - Imagens de Cruz e Souza, Antonieta de Barros e Carolina Maria de Jesus



Fontes: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019>. <https://mdemulher.abril.com.br>.
<https://floripacentro.com.br>.

Na próxima seção, apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta monografia, trouxemos à baila os pressupostos teóricos de Paulo Freire para ratificar a ideia de que pode ser um gesto de humanização estudar a cultura de todos os grupos sociais dentro das escolas. Ao escrever *A Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire (1968) anuncia que a vocação dos homens deve estar ligada à humanização e esta vocação pode ser negada

na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas, afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada. Embora, a desumanização exista ela não é vocação histórica dos homens. Devemos lutar pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens. A desumanização gera a violência dos opressores (FREIRE, 1968, p. 19).

Carolina Maria de Jesus enfrentava um processo desumano, passando fome e catando lixo para saciar a fome dos filhos. Contudo, é uma mulher que estava num processo permanente de libertação. Quando ela realiza o sonho de ver seu livro publicado e de ser reconhecida como escritora, ela conquista a liberdade. Assim, Carolina exerce a *práxis libertadora* que, para Freire

(1968), é uma reflexão sobre a opressão e suas causas, ou seja, uma ação transformadora.

Freire ainda aponta que:

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu ‘caminho’ que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também. É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da vocação. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser (FREIRE, 2006, p. 100).

Esta citação sintetiza a luta de Carolina Maria de Jesus para ser uma grande autora, seu *diário*, referente que acompanha a obra desde a capa, serve de exemplo para educandos que sejam pobres e que às vezes não se sentem capazes de alcançar um objetivo profissional, posto que textualiza vozes que estão socialmente à margem. Apresentaremos um exemplo de como a obra de Carolina pode modificar o pensamento dos alunos com um artigo que encontramos na busca no Portal de Periódicos CAPES.

Outro ponto importante relacionado com a teoria de Freire e pertinente aos escritos de Carolina refere-se à ideia de Freire sobre a necessidade de conscientizar, tanto educadores quanto educandos, para o fato de que “ninguém educa ninguém, os homens aprendem comunitariamente” (FREIRE, 1970, p. 68). Assim, ao passo que os saberes são trocados, se constrói, ao mesmo tempo, um novo saber. É este processo que favorece a autonomia do estudante, a qual está diretamente relacionada com suas vivências.

Quando falamos em vivências tomamos os pressupostos teóricos de Geraldi (2011 [1984], p. 42) que nos fala sobre leitura e as concepções a ela pertencentes. Geraldi (2011) declara que, ao falar em ensino, devemos nos questionar: para que ensinamos o que ensinamos e por que as crianças precisam conhecer o que conhecem? A resposta ao *para que* compreende uma concepção de linguagem, a linguagem como forma de interação, porque “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode estabelecer as regras de tal jogo” (GERALDI, 1997, p. 42).

No que concerne às concepções de linguagem pode-se dizer que nossas práticas de ensino são orientadas pelas concepções de língua e linguagem que recebemos (CUNHA, 2009). Muitos autores já debateram sobre a relação existente entre as concepções de linguagem e suas ligações para o ensino de língua materna e estrangeira. Nossa forma de ver a linguagem define os caminhos de sermos alunos e professores de língua portuguesa. Neste sentido, Luiz Carlos Travaglia (1998) aponta que a concepção de linguagem e língua altera em muito o modo de

estruturar o trabalho com a língua em termos de educação. O autor acredita que essa questão é tão significativa quanto à opinião que se tem em relação à educação.

Acredita-se na interação como concepção de linguagem, porque nesta forma a linguagem é vista como atividade de interação humana e através dela, os sujeitos praticam ações, que compreendem tanto fala quanto escrita, observando o contexto sócio histórico e ideológico que estão envolvidos no ato comunicativo. Na concepção interacionista, a língua é vista como um conjunto de práticas sociais e de linguagem historicamente situadas em diversas esferas de comunicação da ação humana. Mikhail Bakhtin propõe que

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 1992, p. 4).

Para Travaglia (1998), desta maneira, ao usar a língua o sujeito transmite informações, traduz e exterioriza um pensamento, além de realizar ações, agindo sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). Logo, nessa concepção, a linguagem escrita ou oral, acontece por meio de enunciados que se concretizam em diversas interações como argumenta Bakhtin (1992, p. 30):

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor (...). “Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado” (...) a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.

A concepção apresentada por Bakhtin (1992, p.30) nos aponta que a linguagem é situada como o lugar de constituição das relações sociais, ou seja, é na interação que se estabelecem/concretizam-se discursos e não apenas comunicações (SOARES, 1998), uma vez que as condições sociais e históricas em que o ato comunicativo ocorre são consideradas como partes integrantes da interação. Muito importante é que essa concepção de linguagem produziu novas visões para o ensino de língua portuguesa e o trabalho com o texto, ou seja, com a produção textual.

Para Geraldi (2011 [1984], p. 91),

o sujeito usa a linguagem não só para expressar seu pensamento ou para transmissão de conhecimento, mas para agir e atuar sobre o outro e sobre o mundo Assim, o texto não é um produto pronto, acabado. É produzido em variadas situações de interlocução, resultado da relação dialógica entre sujeitos, situados sócio-historicamente.

Diante desse pensamento, o autor afirma que a “leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto” (GERALDI, 2011 [1984], p. 91) e que é fundamental que se crie um ensino que resgate o prazer de ler do aluno, para que ele possa tornar-se leitor, na medida em que mergulha na cultura escrita.

2.1 Currículo Escolar

Para cumprir o Artigo 210, da Constituição Federal de 1988, que define como dever do Estado para a educação, fixar “conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”, criou-se os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/RCNEI, os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN’s para o Ensino Fundamental, e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio, a partir de 1995, depois de elaborados foram distribuídos pelo MEC. Posteriormente, o Conselho Nacional de Educação determinou as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (OLIVEIRA, 2007, p. 5). Diante disso, percebe-se a importância do currículo escolar que orienta todo o sistema educacional de uma escola. Todo conhecimento escolar está profundamente ligado ao currículo e tem o objetivo de orientar as ações dos professores e os diversos níveis de ensino. A discussão sobre o currículo está sempre em pauta, pois deve acompanhar a vida da sociedade. Entende-se, portanto, que o currículo não é estático, ele precisa de momentos de reflexão e mudanças.

Um dos momentos em que o currículo foi analisado ocorreu quando houve a implementação do Ensino Fundamental de nove anos e da comunicação dos documentos da Política Nacional de Educação Infantil. Neste momento, foi necessário estudar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, uma atuação provocada pelo Conselho Nacional de Educação. A organização do currículo baseia-se em legislações que indiquem e determinem os conteúdos, que concordarão com a Base Nacional Comum, assim como à parte diversificada, conforme aponta o Artigo 26 da vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da

cultura, da economia e da clientela. Assim, a construção do currículo se dará a partir do encontro de diversos setores da sociedade, olhando a escola de perto, seus alunos, professores, a comunidade ali presente, suas dificuldades e rotinas. O currículo será concebido buscando construções concretas, entendendo a história da sociedade, da comunidade de cada escola, dos estudantes que ali estão. Não é possível construir um currículo sem que todos os envolvidos se questionem e procurem inovações, buscando responder as perguntas: “o que é? Para que serve? A quem se destina? Como se constrói? Como se implementa?” (OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Deve-se pensar que o processo educativo é complexo e vigorosamente marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais, entende-se que esse não pode ser analisado fora do diálogo entre escola e vida, considerando o desenvolvimento humano, o conhecimento e a cultura. Pensar o currículo escolar é tarefa muito séria, pois se lida com o futuro dos nossos jovens, o presente e o futuro de um país. O currículo deve ser tema recorrente nos projetos político-pedagógicos das escolas e nas propostas dos sistemas de ensino, bem como nas pesquisas, nas formações dos docentes. Por isso, esta monografia traz indagações sobre que tipo de autoria ou que tipo de conhecimento é passado aos alunos. Esse currículo privilegia determinada classe social? Deve-se entender que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos estudantes, mas, conforme Oliveira (2007, p. 9),

são uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico. As indagações revelam que há entendimento de que os currículos são orientados pela dinâmica da sociedade.

Assim, nós profissionais da educação, devemos encontrar respostas para a elaboração de um currículo que apresente a construção do conhecimento escolar como marca de uma instituição democrática que aceita a multiculturalidade e a diversidade como elementos constitutivos do processo ensino-aprendizagem.

2.2 Cânone literário

Etimologicamente cânone é um termo que procede do grego “*kanón*”, utilizado para designar uma vara que servia de referência como unidade de medida. Na língua portuguesa, o termo adquiriu o significado geral de preceito, regra (REIS, 1992). Na literatura, é um conjunto de livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura.

No livro, *O cânone ocidental* (1994), Harold Bloom valoriza o cânone pela relação que estabelece entre o homem e sua finitude, pois para ele, a existência do cânone deve-se ao fato da impossibilidade do homem de ler todos os livros que gostaria. No prefácio do livro, Harold

Bloom afirma: “Aquele que lê, deve escolher, posto que literalmente não há tempo suficiente para se ler tudo, ainda que não se fizesse outra coisa na vida” (BLOOM, 1994, *In*, MOREIRA, 2013, p. 90). Assim, por falta de tempo, o homem teria selecionado o que quer ler, criando um cânone individual.

Mas, tomado com o significado de norma, o cânone torna-se regra, obtém um sentido moral. Então, quando o termo chegou na área da filosofia, os filósofos alexandrinos utilizam-se dele para identificar as listas de obras que consideram relevantes pela qualidade ou como modelos para orientar o uso da língua. Na parte religiosa, por exemplo, temos o cânone bíblico ou cânone da Escritura que é a lista de livros religiosos que uma determinada comunidade aceita como sendo inspirados por Deus.

Para Harold Bloom, o cânone, hoje, vincula-se de forma estreita e direta com as instituições responsáveis por sua subsistência e manutenção. Ao contrário da Igreja, que administrava o uso e o sentido da palavra, atualmente, a administração do cânone não é feita por uma instituição, mas por círculos culturais diferenciados.

A Universidade pode ser um lugar diferenciado, por isso, Marisa Lajolo destaca a importância da escolha do livro *Q. D.* pelas Universidades. Segundo Lajolo (2017, s. p.), as universidades são fiadoras do cânone, haja vista os conteúdos programáticos previstos nos currículos obrigatórios dos cursos de letras e o espaço (in)visível às vozes dissidentes.

Entende-se que o cânone é uma seleção valorizada de livros, que é imposta por alguns produtores de literatura que escolhem esse material e excluem outros, o que gera muita controvérsia, pois observa-se que no cânone literário só alguns textos são considerados clássicos. Esses textos são escolhidos conforme a época, assim a história literária está conectada a um valor estético e a uma associação das obras com o contexto histórico-social e cultural.

Percebe-se que é uma sociedade conservadora ou preservadora que escolhe a obra que fará parte do cânone, normalmente uma sociedade letrada. Esta sociedade dificulta a entrada de obras novas ou que estejam fora dos padrões estabelecidos, pois escolhe os livros conforme o interesse de uma classe social, a classe alta ou a classe social dominante. Por isso, quando a obra diverge do estabelecido por esta classe, é excluída.

Susana Bornéo Funck, professora aposentada da UFSC, publicou em 2016 *Crítica literária feminista: uma trajetória*. O volume congrega textos produzidos pela autora nas últimas décadas e atesta seu longo percurso acadêmico de intelectual feminista. O primeiro texto, *Mulher e literatura*, data de 1985/1986, e entre outras questões discorre sobre a “premissa adotada tanto por homens quanto por mulheres de que há um padrão literário universal, descorporificado e assexuado” e, por esse motivo, “uma experiência considerada

especificamente feminina não pode[ria] representar a experiência humana” (FUNCK, 2016, p. 20). Pode-se também lembrar que conforme Norma Telles, em *Autor+a*, na cultura ocidental coube à mulher a categoria de “musa inspiradora”, de criatura, jamais criadora. Para Telles “a tradição estética definiu o dom da criação como essencialmente masculino [...], o artista é progenitor e procriador de seu texto – um patriarca estético ” (TELLES, 1992, p. 51). As intervenções de Susana Bornéo Funck e Norma Telles fazem-nos pensar sobre o quão machista e sexista o cânone pode ser.

O cânone brasileiro foi criado a partir da primeira metade do século XIX, quando alguns autores escreviam rascunhos, coletâneas, além de antologias. Depois escreveram biografias e edições de obras, sendo influenciados pela crítica romântica europeia visando à construção de uma literatura nacional.

Maria Eunice Moreira, professora da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, escreveu no seu artigo “Cânone e cânones: um plural singular” (2013), que um texto fundamental para a compreensão e estudo do cânone é o texto intitulado *Literatura europeia e Idade média* de Ernst Robert Curtius. O texto publicado em 1948, confere vários sentidos à palavra cânone dependendo do ambiente e de onde ela provém. Para Curtius, há três tipos de cânone:

o cânone da igreja, o cânone medieval e os cânones modernos. Privilegiando os dois primeiros, no que se refere à igreja e a Bíblia, Curtius utiliza cânone como listas literárias autorizadas, com variações de um período a outro ou de um país a outro; no cânone moderno, considera, especialmente, as relações entre as obras que a Itália, França, Alemanha e Espanha definiram como *clássicas*, tratadas num capítulo sintomaticamente intitulado *classicismo*, um termo que depende, não do grau do apoio autorizado, mas do grau de Romantismo da literatura de cada país (CURTIUS, 1948 *apud* MOREIRA, 2013, p. 91).

Para Maria Eunice Moreira (2013, p. 92), “todos os cânones são seletivos e, como tal, elitistas. Todo cânone está em processo e em permanente atualização e falar em abertura do cânone é uma redundância, pois esse está aberto, tanto para as exclusões quanto para as inclusões”.

E a nossa autora? Será que em algum momento o cânone esteve aberto para ela? Para a maioria dos críticos não, pois até hoje, ela está no rol da literatura marginal. Contudo, depois de reconhecida, pesquisada e lida em países como França e Estados Unidos, a importância de suas obras tem sido debatida nas Universidades brasileiras, nos últimos anos, haja vista a escolha para o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, ou na

Unicamp e UFMG, para citar algumas, preocupadas em alargar as possibilidades e projetos literários.

Apesar dos sistemáticos processos de exclusão e invisibilização pelos quais sua obra tem passado, a voz da favelada tem ecoado com as pesquisas de Conceição Evaristo, umas das grandes estudiosas da literatura de Carolina Maria de Jesus. A história de vida de Conceição Evaristo é muito parecida com a história de Carolina Maria de Jesus, por isso o seu interesse na escrita da moradora do Canindé. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Abordaremos mais sobre Conceição Evaristo na próxima seção em que trataremos do conceito de escrevivência, justamente porque o conceito foi criado pela premiada escritora, vendedora do Jabuti. Também continuaremos a questão sobre a classificação da literatura de Carolina no tópico Literatura Marginal.

2.3 Escrevivência

O conceito de escrevivência é apropriado quando se fala sobre a obra de Carolina Maria de Jesus porque *Q. D.* pode ser lida como escrita autobiográfica. Neste diário, Carolina descreve suas vivências e dos habitantes da Favela do Canindé. Sendo assim, pode-se afirmar que o registro do diário é uma escrevivência, pois é a experiência vivida por Carolina.

O conceito foi publicado no livro *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*, de Marco Antônio Alexandre (2007) e foi apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, no Rio de Janeiro, em 2005. A autora do texto é Conceição Evaristo, que dá o nome de *Depoimento* ao texto, no qual, falando de sua infância e de sua mãe, diz que: “escrevivência consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. Tendo essa vivência como base, cada autor acaba por ter pontos de vista diferentes sobre uma mesma situação ou fato” (EVARISTO, 2005, p. 01).

Conceição Evaristo nasceu em uma família de mulheres negras cozinheiras, faxineiras e empregadas domésticas e que, coincidentemente, também viveu sua infância em uma favela, a Favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte, onde teve uma vida muito pobre. Foi ouvindo histórias da mãe e das tias que começou a inventar as suas próprias histórias. Assim como

Carolina Maria de Jesus, Evaristo faz da sua escrita uma forma de sobrevivência para refletir a realidade da sua vida àquilo que ela chama de *escrevivência*.

O primeiro livro de Conceição Evaristo foi *Ponciá Vicêncio* (2003) lançado também nos Estados Unidos, na França e no México. Além desse livro, ela produziu *Olhos d'água* (2014) que lhe deu o Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015. Ela também venceu com *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), uma reunião de contos, marcando sua estreia na Editora Malê. A escritora também produziu *Becos de Memória*, que recebeu nova edição em 2013. Nas palavras da autora, “é uma criação que pode ser lida como ficções da memória ao narrar a ambiência de uma favela que não existe mais”, só para lembrar a sua proximidade com Carolina Maria de Jesus.

Destaca-se que a escrita de Conceição Evaristo é muito próxima com a escrita de Carolina Maria de Jesus, pois a criadora do conceito de *escrevivência* apresenta em todos os seus trabalhos uma crítica social e fala também de religiosidade, o que ela chama de ancestralidade. Tal qual Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, diz que: “eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também” (O Globo, 11/07/2016).

Conceição Evaristo enfatiza que “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo têm suas narrativas ainda ocupando uma posição subalterna comparadas às narrativas dos autores brancos.

Conforme Conceição Evaristo (2009), às pessoas africanas que foram escravizadas no Brasil durante o período colonial e imperial (1500-1888), atribuiu-se a contribuição à formação de uma Cultura Brasileira na forma da transmissão oral, o que incluiria ditados e provérbios, personagens folclóricos, bem como aspectos ligados às artes, à religião ou à culinária. Sendo que a produção escrita pouco aparece no cânone da Literatura Brasileira, parecendo inexistente.

Como exemplo, temos as obras de Carolina que circularam pelo mundo bem mais que alguns escritores brancos, mas que foram “esquecidas” e ainda hoje recebem a classificação de Literatura Marginal.

2.4 Literatura Marginal

A Literatura Marginal assumiu essa designação na década de setenta do século passado, sendo um tipo de obra que exhibe traços próprios, como o uso de uma linguagem coloquial, ou seja, diferente da linguagem formal/padrão.

Mas, o que seria “marginal”? Ao longo da história, distintos grupos formaram os chamados “marginais”, sujeitos que pelos mais diferentes motivos, como pelo ofício que exerciam, pela raça, por conta de enfermidades, devido à cultura, à religião foram impedidos de participar plenamente do convívio social.

Lais Mendes Botelho das Neves, em sua dissertação *Ferréz e a Literatura marginal: literariedade em discussão em “Capão pecado” e “Manual prático do ódio”* (2013), recorre às definições de Jean Claude Schmitt (1988) a esse respeito, que parte de uma concepção histórica desses seres marginalizados e que tem como foco a Europa Ocidental do século XI ao XVIII. Segundo Schmitt, há certa dificuldade de uma definição do que é marginal, mas algumas noções podem ser esclarecidas, tais como a de que: marginalidade “implica um estatuto mais ou menos formal no seio da sociedade e traduz uma situação que, pelo menos teoricamente, pode ser transitória” (SCHMITT, 1988, p. 264, *apud* NEVES, 2013, p. 12).

Para Schmitt, as cidades são, na sociedade feudal, um corpo marginal e dela fazem parte esses membros indesejados como os açougueiros que, devido ao seu ofício estar ligado à morte e esquartejamento de animais, eram vistos como desonestos e sujos, bem como os operários de algumas indústrias, os lixeiros, as prostitutas que também eram vistos como impuros. Havia também uma certa repulsa aos que manipulavam dinheiro, pois eram vistos como agiotas, exploradores. Contudo, a ideia de valor do trabalho dessas profissões e de outras – a partir de uma perspectiva mercantilista e capitalista – acabaram sendo acolhidas e deixando de serem vistas como atividades indignas.

Os judeus também sofreram com o estigma, por não fazerem parte da comunidade cristã. Conforme Schmitt, ao longo dos anos foram perseguidos, humilhados, sendo forçados a usar roupas e acessórios que os distinguissem do resto das pessoas, além de serem expulsos de diversos países. Os leprosos são outra classe de pessoas que foram forçadas a se retirar das cidades, ficando escondidos, saindo para mendigar em dias santos pré-determinados. Os ciganos, assim como os judeus, foram expulsos de muitos países, por causa da sua cultura. Os pobres, do mesmo modo, eram vistos com maus olhos e, assim como os leprosos, ficavam presos em instituições que lembravam um hospital, caso se declarassem sem condições de se manter, onde eram obrigados a prestar trabalhos forçados.

Dos grupos de pessoas citadas acima, alguns deles se integraram novamente à sociedade, como os açougueiros, os trabalhadores de fábricas, os leprosos, devido aos

progressos na medicina. Porém, os pobres ainda não conseguiram o êxito, pois suas vozes nunca fazem parte da construção da história. Schmitt fala da dificuldade de ouvir esses marginais do passado e que:

Ela [a voz dos marginais] foi sistematicamente abafada pelos detentores do poder, que não falavam dos marginais, mas não os deixavam falar. Chegar diretamente ao que os marginais diziam, sem passar de uma maneira ou de outra pela mediação de um discurso oficial ou erudito, é uma empresa quase desesperada. (SCHMITT, 1988, p. 284, *apud* NEVES, 2013, p. 12).

Conforme Lais Mendes Botelho das Neves (2013, p.13),

no Brasil a questão do ser marginalizado é bem complexa, isso porque, a princípio há duas etnias que, por mais que se queira acreditar no contrário, foram e ainda são postas de lado na nossa sociedade, são a indígena e a negra. Ainda há outro fator com relação à marginalidade no país, esse diz respeito principalmente à questão monetária, ou seja, as classes sociais, os ricos e os pobres.

Considero que as duas etnias apresentadas ainda são marginalizadas. Em relação aos indígenas, em 1500, o IBGE apontou a existência de 5 milhões de índios, já em 2010, o Censo revelou a existência de apenas 800 mil indígenas. Assim, os números falam mais que palavras. (**Fontes:** IBGE e livros índios no Brasil – História, Direito e Cidadania, de Manuela Carneiro da Cunha, e Os Índios Antes do Brasil, de Carlos Fausto).

E as pessoas negras? Foram sequestradas pelos portugueses, eram consideradas seres sem alma, açoitadas e caçadas como animais. Muitas morreram nos navios negreiros e muitas morreram lutando por liberdade.

Com o fim da escravidão, os negros deixaram de ser considerados úteis e foram substituídos, nas lavouras, pelos europeus, pois após a proibição do tráfico de escravos esses se tornaram muito caros e além disso, o investimento neles deveria ser feito antes mesmo que trabalhassem, ao contrário dos trabalhadores assalariados. Com isso, os negros foram se acumulando nas cidades, fazendo o possível para se manter. Ainda hoje existe muito preconceito com relação a esse povo, podemos ver isso na forma como são tratados, nos empregos que lhes são ofertados e principalmente pelo fato comprovado pela PNAD 2008 de que a maior parte da população pobre brasileira é negra (NEVES, 2013, p. 13).

E as pessoas pobres? No Brasil, assistimos à segregação das pessoas pobres que, por sua situação, têm menos oportunidades, contrapondo-se às pessoas que concentram o poder aquisitivo que, por possuírem mais recursos financeiros, têm suas oportunidades ampliadas (BOURDIEU, 2008, p.122 *In* NEVES, 2013, p. 14).

No Brasil, o pobre é criminalizado por sua condição de pobreza, de tal forma que se o sujeito morar em um bairro violento, considera-se que ele será um fora da lei. Lembrando que Carolina Maria de Jesus era negra e pobre já se pode imaginar porque a sua literatura era considerada marginal.

O uso da designação “Literatura marginal” aconteceu em diferentes momentos da história literária e em diferentes contextos, como na insurgência da bossa nova e da MPB que representaram movimentos associados à contracultura, além do rock’n’roll. Interessante perceber que estes movimentos estavam ligados à mudança de valores da sociedade e pregavam a paz, a harmonia e a igualdade.

O termo “marginal”, na literatura escrita, foi denominado por Ferréz, o pseudônimo artístico que o fez famoso é um híbrido de “Ferre”, numa homenagem a Virgulino Ferreira, o Lampião, e “Z”, em referência a Zumbi dos Palmares (REVISTA FORUM, 2013).

Para Lais Mendes Botelho das Neves (2013, p. 17):

Um ponto interessante é que Ferréz ao se referir à escolha pela designação “marginal” se remete a autores como Plínio Marcos – talvez por conta de sua origem humilde, por ter escrito durante a ditadura, por suas obras de teatro terem sido censuradas e pela linguagem “crua” e os temas abordados os quais se referiam a assuntos também políticos – e João Antônio – que retrata em suas obras a vida dos seres marginalizados sem glórias nem penas somente o faz com irreverência e um toque de perspicácia – tanto por suas vidas quanto por suas obras o autor de *Capão pecado e Manual prático do ódio* se identifica e se insere nessa linhagem de “marginais”.

Nos anos de 1970 e 1980 insurge a Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo, que foi um movimento literário brasileiro acontecido em função da censura imposta pela ditadura civil-militar. Este grupo de escritores substituiu os meios tradicionais de circulação das obras, editoras e livrarias, por meios alternativos: pequenas tiragens com cópias mimeografadas comercializadas a baixo custo e vendidas de mão em mão.

Em 1960, Carolina Maria de Jesus fazia seus poemas, que seriam classificados como marginais, até pela temática.

Poeta, em que medita?
 Por que vives triste assim?
 É que eu a acho bonita
 E você não gosta de mim.
 Poeta, tua alma é nobre
 És triste, o que o desgosta?
 Amo-a. Mas sou tão pobre
 E dos pobres ninguém gosta (JESUS, 1996, p. 211).

Em relação à literatura escrita nas periferias, Carolina Maria de Jesus é a primeira representante com *Quarto de despejo*. Em forma de diário, a mulher, negra, mãe, solteira, catadora de papel, sobrevivendo na favela do Canindé, “conta a sua história” e dos seus habitantes até ser encontrada por Audálio Dantas, um jornalista que a conheceu durante uma reportagem no lugar em que ela morava. Além da obra de estreia, a autora também publicou *Casa de alvenaria* (1961), que não teve a mesma recepção de seu primeiro livro, pois sua vida fora da favela não interessava.

Carolina é um exemplo clássico de que o fenômeno da literatura marginal escrita por moradores de periferia vem se mantendo firme e cada vez mais sólido, pois além do interesse social que ela despertou com *Q. D.*, agora ela já está na lista dos vestibulares das melhores universidades do país, como mencionado anteriormente.

3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA NO GOOGLE ACADÊMICO, NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES E NO PORTAL DE CATÁLOGOS E TESES DA CAPES

Neste capítulo, apresentamos a metodologia seguida durante a pesquisa e os principais resultados obtidos na busca no Google Acadêmico, no Portal de Periódicos da CAPES e no Portal de Teses e Dissertações CAPES. Na última seção do capítulo, apresentamos a análise de dados.

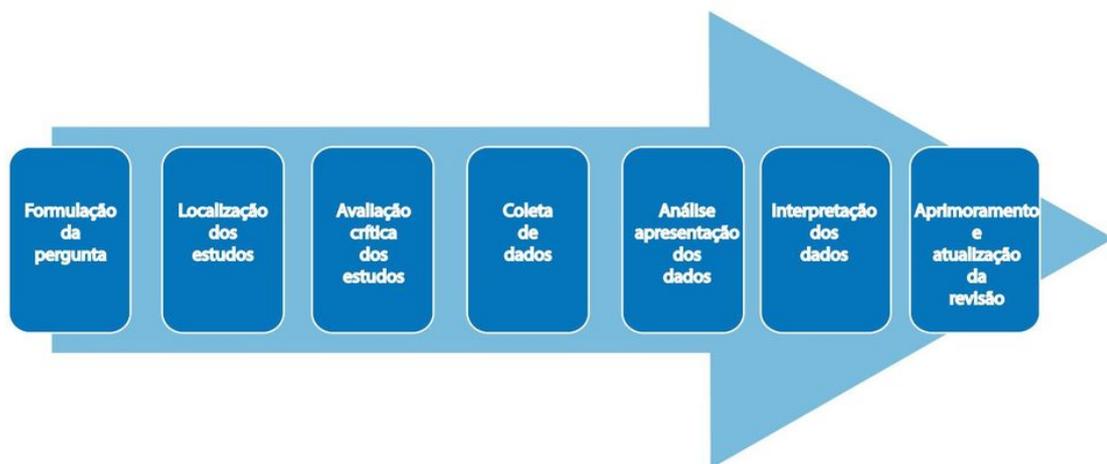
3.1 Como faremos a busca por Carolina Maria de Jesus nas ferramentas acadêmicas?

Busca-se recompor o percurso literário de Carolina Maria de Jesus através de uma revisão sistemática. Para isso, usamos o Google Acadêmico, base de dados que possibilita acessar diversos pesquisadores, universidades e respectivas produções. Essa plataforma auxilia na procura, através de palavras-chave, o que permite filtrar resultados com maior precisão. Como a Especialização em Linguagens e Educação a Distância apresentou diversas ferramentas on-line para trabalharmos nas escolas, considera-se que essa plataforma é importante neste contexto, buscou-se artigos que falassem sobre a escritora Carolina Maria de Jesus focando nos seguintes descritores: Carolina Maria de Jesus; Currículo Escolar; Cânone Literário; Escrivência; Literatura marginal.

Além do banco de dados do Google Acadêmico, pesquisamos no Portal de Periódicos da CAPES e no Portal de Teses e Dissertações CAPES.

Encontramos os dados através de uma revisão sistemática que parte de uma questão de pesquisa, para detectar os estudos sobre um tema, usando métodos explícitos e sistematizados de busca e apuração desses estudos. Denomina-se como revisão sistemática “a aplicação de estratégias científicas que permitem limitar o viés de seleção de artigos, avaliá-los com espírito crítico e sintetizar todos os estudos relevantes em um tópico específico” (PERISSÉ; GOMES; NOGUEIRA, 2001 apud BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 126).

Figura 2 – Sete passos da revisão bibliográfica sistemática



Fonte: Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 125). Adaptado pela autora (2019).

Para os autores como Castro (2001, 2006) e Rother (2007), deve-se seguir estes passos porque a finalidade desse tipo de pesquisa é a de responder a uma pergunta clínica específica, por meio da identificação, seleção e avaliação crítica da qualidade e da validade de evidências científicas expostas em estudos originais.

Ao seguir os passos da revisão bibliográfica sistemática, obteve-se uma síntese das informações disponíveis sobre o tema da pesquisa. De posse desses dados alcançou-se conhecimentos para resolver os objetivos da pesquisa, que foi buscar artigos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus no contexto escolar.

Através de uma pesquisa qualitativa realizou-se a construção do levantamento bibliográfico sobre Carolina Maria de Jesus como mote no currículo escolar. A base bibliográfica foi construída com os dados levantados no Google Acadêmico, no Portal de Periódicos da CAPES e no Portal de Teses e Dissertações CAPES. Após compilar as diversas produções, conseguiu-se fazer uma relação com aquilo que se queria identificar e encontrou-se as respostas do estudo de caso.

3.2 Carolina Maria de Jesus no Google acadêmico

Figura 3 - Homenagem do Google aos 100 anos de Carolina Maria de Jesus



Fonte: <https://www.vidapoescrito.com/> (2019).

O Google Acadêmico é uma ferramenta do Google que possibilita uma pesquisa avançada para projetos acadêmicos. Antes da internet, o acesso à informação era difícil. Para podermos fazer a leitura de trabalhos acadêmicos, precisávamos recorrer a bibliotecas ou ter a sorte de encontrar o trabalho em jornais ou revistas. Tudo era muito caro, tanto para o estudante como para quem quisesse pesquisar sobre algum tema, além de precisar de muito tempo à procura do material. Atualmente, ainda fazemos pesquisas em bibliotecas, contudo é inegável que a internet transformou a vida e a maneira de estudar de todos nós. Agora, encontramos a informação com facilidade e com rapidez, pois temos acesso a sites, portais e mecanismos de busca, existem também páginas especializadas para procurar materiais de estudo, e o Google Acadêmico é uma delas.

O Google Acadêmico é uma ferramenta oferecida pela Google. Lançado em 2004, em 2006 a plataforma começou a realizar pesquisas também em língua portuguesa transformando-se em um poderoso recurso de busca de materiais acadêmicos. “A ferramenta é um buscador de livros, teses, resumos, literatura escolar, entre outros tipos de publicações. O layout da página é bem parecido com famoso mecanismo de busca do Google e ele ordena os resultados por ordem de relevância” (SANTOS, 2018).

O Google Acadêmico tem diversas aplicações, o que oferece muitas vantagens de uso. O cadastro e o serviço são gratuitos. Na busca avançada, podemos refinar a consulta obtendo bons resultados por autores ou periódicos. Também é possível armazenar os trabalhos pesquisados na “Minha biblioteca”. Outra opção interessante é “Minhas citações”, na qual

pode-se criar um perfil público, que será exposto nos resultados de pesquisa do Google Acadêmico, o que dá a possibilidade de acompanhar quem cita nossas publicações. Em “Minhas atualizações” recebe-se indicações de buscas observando o nosso histórico de buscas. Na funcionalidade “Alertas” recebe-se alertas de novas publicações que tenham sido indexadas no Google Acadêmico. “Métricas” viabiliza que façamos consultas dos periódicos mais relevantes por área⁹.

Começamos nossa busca com as seguintes palavras-chave: “Carolina Maria de Jesus”, “Currículo escolar”, “Cânone literário”, “Escrevivência” e “Literatura marginal”, obtendo 36 resultados. Todos os resultados são de trabalhos acadêmicos de universidades brasileiras. Nossa pesquisa focou em projetos com a autora Carolina Maria de Jesus nas escolas, contudo, percebeu-se que todos os trabalhos mereciam atenção especial. Assim, fomos além da simples busca por trabalhos relacionados com a obra da referida autora na escola no Google Acadêmico, pois, as palavras-chave nos levaram a um denominador comum, ou seja, apresentaram a grandeza da escrita de Carolina Maria de Jesus.

Figura 4 - Print da consulta no Google Acadêmico



Fonte: Google Acadêmico (2019).

⁹ O link para fazer a busca é: https://scholar.google.com.br/?utm_source=blog&utm_campaign=rc_blogpost.

A seguir, vamos relacionar os artigos encontrados no Google Acadêmico, observando o que foi mais relevante em cada busca.

O primeiro trabalho acadêmico que se destaca é o de Fernanda Rodrigues de Miranda, com o título de *Os caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética* (2013). Trata-se de uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O texto toca numa questão muito importante sobre o momento pelo qual o Brasil passava quando Carolina Maria de Jesus recebe destaque no cenário literário:

É sabido que na década de 1960 o mundo passava por transformações sociais e culturais amplas que marcaram o século XX, as quais se podem lembrar através de eventos notáveis tais como a invenção da pílula anticoncepcional; o homem ter alcançado a lua; o surgimento do primeiro computador eletrônico; a construção do muro de Berlim. No Brasil, a TV Tupi faz a primeira transmissão em cores da televisão nacional; a capital do país foi transferida do Rio de Janeiro para Brasília, modificando definitivamente a configuração espacial do cerrado brasileiro; no final da década tem início o Tropicalismo (MIRANDA, 2013, p. 148).

Percebe-se nesta citação que o momento era de grandes transformações e foi neste momento que Carolina Maria de Jesus escrevia o diário *Q. D.*: “Inserida num contexto político de intensa crença na participação popular como instrumento de mudança social, Carolina rapidamente transformou-se em personalidade nacional” (MIRANDA, 2013, p. 148).

O diário de Carolina denunciava a necessidade de mudança social, então, *Q. D.* passa a ser citado pelas autoridades nos discursos sobre transformação social e econômica. Assim, Fernanda Rodrigues de Miranda aponta que “a indústria cultural tirou bastante proveito da desigualdade social estruturante do projeto desenvolvimentista moderno” e a mulher negra analfabeta que denunciava as condições insalubres de moradia passa a ser mercadoria, uma “espécie de Vênus Negra nacional”. Miranda conclui que “o sistema é inteligente; alimenta-se de suas próprias sobras. E autofagicamente macabro: marginaliza para incorporar, incorpora para marginalizar mantendo sempre a desigualdade” (MIRANDA, 2013, p. 149).

Portanto, *Q. D.* passa a ter estatuto de documento, um exemplo de realidade, um testemunho que é usado para mostrar que as mudanças são possíveis.

A contribuição que este texto nos dá é o que estamos o tempo todo tentando entender: o motivo pelo qual Carolina Maria de Jesus não circula nos espaços escolares e por que foi esquecida tendo tantas publicações pelo mundo todo? Miranda (2013, p. 150) ainda diz que:

“a margem também é literária: se a autora angariou um sucesso editorial fantástico no início de seu percurso, isto remete à perversidade da indústria cultural, que como dissemos, a incorporou para marginá-la, e à curiosidade mórbida que a elite nutria sobre a miséria”.

O outro debate que chama a atenção e também vai ao encontro de nossa indagação foi escrito por Maria Aparecida Rita Moreira, com o título de *A Educação para as relações Étnico-raciais e o Ensino de Literatura no Ensino Médio: diálogos e silêncios* (2014) para a obtenção do título de doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Neste texto destaca-se a inserção da literatura afro-brasileira no Ensino Médio e a importância da intervenção do professor para que isto aconteça. Maria Aparecida Rita Moreira faz uma observação das ações que o professor(a) deve ter ao perceber que a literatura afro-brasileira não é contemplada no currículo mesmo com a decretação da Lei nº 10.639/2003.

A importância do levantamento desses textos se estabelece como alerta de que o cânone precisa ser revisitado para que professores(as) desavisados(as) não considerem a temática isoladamente como critério de identificação da literatura afro-brasileira, mas que reflitam sobre o ponto de vista como as personagens são exibidas no interior da narrativa. Portanto, a figura do(a) professor(a), como agente mediador na percepção da construção das personagens, toma uma nova dimensão, uma vez que cabe a ele(a) desnudar essas narrativas, com um olhar atento, que diferencie o negrismo da literatura afro-brasileira (MOREIRA, 2014, p. 68).

Portanto, o texto de Maria Aparecida Rita Moreira reflete sobre o lugar da literatura afro-brasileira nos espaços educacionais. Sabe-se que a literatura negra não é representada nos espaços educacionais, midiáticos, editoriais, ela ainda não saiu do anonimato. “O ensino de literatura nas universidades e escolas brasileiras exhibe um variado número de textos literários, escritos, em sua grande maioria, por escritores(as) brancos(as). Esse fenômeno ocorre, independentemente, se o estudo se concentra em textos literários do passado ou nos contemporâneos” (MOREIRA, 2014, p. 59).

A dificuldade da circulação da literatura afro-brasileira tem raízes históricas, pois a cultura do Brasil é centrada na Europa. Somos colonizados por povos brancos, escravizamos os negros, logo existe uma dificuldade em incluir “a contribuição dos sujeitos negros e a literatura que se ensina nas escolas e universidades centrada no cânone, com pouquíssimas discussões sobre a feitura das personagens negras” (MOREIRA, 2014, p. 60). A personagem do nosso trabalho é negra, assim, podemos imaginar o quão é difícil incluir os textos dela na escola, lembrando que alguns críticos a consideram fora do cânone e pertencente à literatura marginal.

Em outra dissertação encontrada na busca do Google Acadêmico, reforça-se a ideia de exclusão da escrita de autoria negra diante da entrada tardia das pessoas negras nas escolas. O texto foi escrito por Roberta Flores Pedroso e tem o título de *O Quarto de despejo da Literatura Brasileira* (2016). Trata-se de uma dissertação de mestrado em Literatura Brasileira apresentada ao Instituto de Letras como requisito parcial para a obtenção do título de mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Roberta Flores Pedroso aponta nas linhas iniciais do seu trabalho que:

O Brasil Colônia, Império e República teve, historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atingem a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e que a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. Em 6 de setembro de 1878, o Decreto nº 7.031-A, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno, e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares (BRASIL, 2004) (PEDROSO, 2016, p. 17).

Portanto, mais uma vez já se pode imaginar a ausência da escrita de Carolina Maria de Jesus nos bancos escolares. Toda a produção literária dos(as) negros(as) aparece tardiamente nos bancos escolares, quando aparece.

Um exemplo desse apagamento dos escritores(as) negros(as) é o do poeta Cruz e Souza, como destacado por Muzart (1995). Argumentando sobre o cânone e sobre a presença de Machado de Assis na Academia de Letras, ela diz:

Cruz e Sousa que, morando no Rio de Janeiro há sete anos, já havia publicado *Missal e Broquéis*, em 1893. Como diz seu biógrafo, R. Magalhães Júnior, até hoje parece inexplicável a ausência de Cruz e Sousa na Academia. Mas se examinarmos a vida do poeta, à época, o país, isso não nos parecerá tão inexplicável. Em primeiro lugar, a questão da cor é importante, mas não é a razão primordial, pois Machado de Assis era mulato, mesmo disfarçando muito esse fato, e José do Patrocínio, negro. Mas é claro que não dá para esquecer que Cruz e Sousa era um negro (nascido filho de escravos) num país que abolira a escravidão há apenas nove anos. A segunda razão que me parece importante é o fato de ser pobre. E isso Cruz e Sousa o era. Extremamente pobre. Morreu miserável. Além de negro e pobre era provinciano, vindo lá dos longes de Santa Catarina, província das mais provincianas, se assim posso dizer... E, além de tudo isso, outra razão, talvez a mais importante, Cruz e Sousa era simbolista. Na Academia Brasileira de Letras entrou um mulato, entrou um negro, mas não entraram os simbolistas. Grupo marginal e marginalizado, enfrentava o preconceito literário dos grupos dominantes, entre os quais os ainda-parnasianos, unha-e-carne com o Poder. Negro, pobre e orgulhoso, Cruz e Sousa mantinha-se distante das rodas dos intelectuais. E um solitário é sempre um ser meio à margem, secreto, diferente, perigoso.... Ficou fora da Academia. (MUZART, 1995, p. 88)

Procurou-se com esses exemplos de artigos tirados da busca do Google Acadêmico e também com o texto de Muzart (1995), evidenciar a necessidade de mudança nos currículos escolares para que deixem de ser excludentes e resgatem as vozes dos escritores(as) negros(as),

que foram silenciados ao longo dos séculos, “a fim de resgatar uma relação crítica da história e da literatura que contemple novos paradigmas de subjetivação e representação do escritor negro de objeto a sujeito” (PEDROSO, 2016).

3.3 Carolina Maria de Jesus no Portal de Periódicos da CAPES

A história do Portal de Periódicos da CAPES começa no ano de 1990, quando, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES). Cinco anos mais tarde, foi criado o Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP). O Programa está na origem do atual serviço de periódicos eletrônicos oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) à comunidade acadêmica brasileira. O Portal de Periódicos foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos. Com o Portal, a Capes passou a centralizar e otimizar a aquisição desse tipo de conteúdo, por meio da negociação direta com editores internacionais.

O conteúdo inicial do Portal contava com um acervo de 1.419 periódicos e mais nove bases referenciais em todas as áreas do conhecimento. Em 2017, o Conselho Consultivo do Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP) e o Grupo de Trabalho (GT) do Portal atuaram ativamente na análise de coleções e na deliberação de decisões importantes para a biblioteca virtual da CAPES (CAPES/MEC, 2019).

Na busca no periódico da CAPES não é possível usar muitas palavras-chave, pois a ferramenta não responde bem à busca. Usou-se então apenas o nome “Carolina Maria de Jesus”, procurando artigos de 2010 a 2019, no idioma português. Com esse modo de busca encontrou-se 199 resultados. Investigou-se todos os artigos e encontrou-se apenas um voltado para a escola. Trata-se do artigo de Francis Paula Correa Duarte (2016) com o título “A memória na sala de aula: o gênero diário íntimo e a (re)construção da identidade”. O objetivo deste artigo foi analisar a construção da identidade a partir do gênero discursivo diário íntimo e, através das escrituras dos alunos, observar os processos de reconhecimento do indivíduo em relação à própria sociedade. Depois da leitura de *Q.D.* de Carolina Maria de Jesus os alunos escreveram os diários. Dessa maneira, a professora conseguiu compreender a forma como o educando

assume uma postura ativa, reflexiva e crítica a respeito dos temas e gênero abordados para discutir sobre si mesmo e as transformações em que está inserido (DUARTE, 2014, p. 60).

O artigo de Duarte (2014) exemplifica a proposta desta monografia, pois o modo como a professora usou o diário para incentivar seus alunos na escrita é justamente uma das ideias que se colocou aqui. É a demonstração de como o livro *Q.D.* pode contribuir para a aquisição da leitura e escrita.

Segundo Duarte (2014, p. 71),

O material pode ser um instrumento para a transformação do indivíduo, conforme afirma Paulo Freire (1992, p. 76) para quem “ler e produzir um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação”.

Nessa perspectiva, ao ler o diário de Carolina, o aluno tem a oportunidade de também se colocar como sujeito e contar a sua história nos moldes de Carolina, pois o gênero diário produzido pela autora transforma-se em uma ferramenta que ajuda o aluno a expor seus sentimentos e raciocinar criticamente sobre o ato de coordenar ideias e escrever. Isso não quer dizer que exista um padrão de diário crítico ideal, mas que ele pode criar processos para a reflexão e revelar características linguísticas que apresentam claramente as formas de ação.

Duarte (2014) aponta que um aspecto relevante notado nos diários dos alunos é a forma como se relacionam com a obra de Carolina Maria de Jesus. “Ao destacar a história da autora, como inspiração e força, acabam por desabafar momentos delicados que viveu em suas famílias e como serviu para os unirem, em alguns casos”, afirma Duarte (2014, p. 68). A autora apresenta como exemplo alguns trechos dos diários produzidos pelos alunos:

Diário A: “hoje nos lemos mais uma parte do livro Quarto de despejo gostei muito de sua história a pesar de suas dificuldades.

Diário B: “Eu estou achando esse livro muito bom. a história da Carolina Maria de Jesus é infelizmente, triste, mais ajuda as pessoas a pensar o que ela passava e colaborar com os pobres”.(...)

“O meu maior desejo é que meu pai volte a falar normalmente com a minha mãe e pare de agir como se não gostasse das minhas irmãs porque ele até tirou a pensão da minha irmã mais velha. A situação mais difícil pra mim foi o divórcio de meus pais, eu fiquei passando mal durante semanas” (DUARTE, 2014, p. 68).

A citação é um exemplo de inclusão e interação humana muito importante para a socialização. Para Duarte (2014, p. 71), “o ser humano possui a tendência de manter relações

com os outros, e essas relações intersubjetivas compõem uma rede interacional que constitui o *locus* das ligações sociais humanas.”

Pode-se concluir que essa atividade levou o aluno a ler, escrever, refletir e interagir. Assim contempla-se o pensamento de Paulo Freire (1992, p. 76 *In* DUARTE, 2014, p. 71) que afirma que “ler e produzir um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação”.

A seguir colocou-se o print da pesquisa no Porta de Periódicos da CAPES para que se comprove os dados usados para encontrar os trabalhos acadêmicos.

Figura 5 - Print da busca no Porta de Periódicos da CAPES

The screenshot displays the CAPES Periodicals Portal search interface. The search term used is 'Carolina Maria de Jesus'. The results page shows 199 results, with the top result being an article titled 'CAROLINA MARIA DE JESUS, MANUSCRITOS QUE PERPETUAM SUA ESCRITA' by Patrícia Cristina Capelett Teixeira. The article is from the journal 'Atua', volume 13, number 3, pages 18-37, published in December 2017. The abstract mentions that the article is a bibliographic review of the life of the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, focusing on her most famous work, 'Quarto de despejo' (Diary of a Favela), and its significance in Brazilian literature. The article is available in Portuguese and English.

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES (2019).

3.4 Carolina Maria de Jesus no Portal de Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES

Além do Portal de Periódicos da CAPES, aumentamos nossa busca por trabalhos relacionados com o tema, por perceber a falta de mais artigos, teses e dissertações com o foco em sala de aula. Para isso, utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Não se mencionou o número de trabalhos pesquisados porque este portal apresentou um número muito significativo de teses e dissertações ligadas à Carolina Maria de Jesus e sua obra, por isso, nos atemos a procurar os trabalhos com colocação da autora Carolina Maria de Jesus em sala de aula.

A primeira dissertação escolhida no catálogo é bastante relevante, pois é um dos primeiros trabalhos em que se percebe a presença da escrita de Carolina Maria de Jesus em sala de aula. Foi escrito por Silmara Rodrigues e recebeu o título de *Letramento literário na EJA: uma prática com Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus* (2018). A dissertação foi apresentada para a obtenção do título de mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus IV.

Conforme Silmara Rodrigues,

A literatura propicia, além de fruição, o conhecimento de variados temas, por vezes próximas à realidade imediata, por vezes distantes, mas sempre uma oportunidade para a reflexão e a ampliação da percepção do mundo. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), por sua vez, requer atividades que atendam a um alunado caracterizado por irregular frequência às aulas e défices na aprendizagem de leitura e escrita. Dessa forma, por se compreender a literatura como essencial ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa; a escola como fundamental no processo de apreensão das especificidades dos textos literários; e a EJA como modalidade de ensino também com necessidades específicas, busca-se fomentar a leitura literária em um ciclo IV da EJA por meio da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Nessa narrativa em forma de diário, a escritora relata seu cotidiano como mãe solteira e catadora de papel na Favela do Canindé, periferia de São Paulo. Além disso, ao integrar a chamada literatura marginal/periférica, a escritora e sua obra denunciam o apagamento a que alguns sujeitos estão suscetíveis na sociedade brasileira (RODRIGUES, 2018, s. p.).

Esta dissertação concorda com a nossa hipótese, pois demonstra a necessidade de levarmos para a escola textos que conversem com a realidade do aluno. E a realidade do aluno da EJA, muitas vezes é bem próxima da realidade exposta no diário de Carolina.

A EJA – Educação Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que inclui os níveis da Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio, destinada às pessoas que não tiveram acesso à escola na idade convencional. Na EJA, o aluno pode retomar os estudos e concluir em menos tempo, se qualificando para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho (EDUCA MAIS BRASIL, 2019).

Conforme Marcélia Amorim Cardoso e Gisele de Andrade Louvem dos Passos (2016), em *Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente*, esta modalidade de alfabetização de adultos “é uma prática de caráter político, pois se destina a corrigir ou resolver

uma situação de exclusão, que na maioria das vezes faz parte de um quadro de marginalização maior.”

Esta situação de exclusão é exemplificada quando os jovens e adultos que nunca tiveram acesso à escola procuram os programas de Ensino Fundamental, pois estão vivendo o estigma social da condição de analfabetos (RIBEIRO, 2001, p. 174). A condição de analfabetos é marcada por fracassos e exclusões que estigmatizam os sujeitos. Sendo assim, segundo Ribeiro (2001, p. 174):

Por esse motivo, um aspecto fundamental da inserção de jovens e adultos nesses programas é o fortalecimento de sua autoestima, a afirmação de sua identidade como cidadãos de direitos e como seres produtivos e criativos, intelectualmente capazes, detentores e produtores de cultura.

A recuperação da autoestima, da identidade pessoal e cultural e o reconhecimento mútuo dos educandos envolve a rememoração de suas histórias de vida, de seus projetos e expectativas.

Neste processo de recuperação da autoestima, o professor tem um papel importante, pois precisa criar conexões entre o universo do conhecimento e a vida do aluno, para que aumente suas capacidades de atuação, consolidando sua autoconfiança. Observando isso, voltamos ao trabalho de Silmara Rodrigues que provocou o gosto pela leitura nos alunos da EJA cumprindo um dos papéis da escola. Uma das funções da escola é produzir hábitos de leitura para a busca de informação e para a fruição. Nesse sentido, consideramos o letramento literário com Q. D. realizado no ciclo IV da EJA, de fato, a concretização de um processo de ensino-aprendizagem da literatura, uma vez que nos orientamos pela “experiência da interpretação como construção do sentido do mundo”, para nos valermos das palavras de Cosson (2014, p.76 *In*, RODRIGUES, 2016, p. 127).

Continuando as colocações sobre os trabalhos acadêmicos encontrados no Portal de Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES, destaco a dissertação de Emanuel Regis Gomes Gonçalves, *A Literatura vista de baixo: o livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus* (2014), pela Universidade Federal do Ceará. Nesta dissertação, o autor trata da diferença que se dá à literatura, pois observa-se que os autores que são do cânone, normalmente, homens, brancos, recebem uma designação especial, enquanto os autores como Carolina Maria de Jesus, por terem uma escrita considerada deficitária, recebem a designação de literatura marginal, neste caso, o autor dá o nome de “literatura vista de baixo”. Vejamos o que Emanuel Regis Gomes Gonçalves aponta:

Partindo dessas premissas, nosso propósito é analisar o livro Quarto de despejo a partir da perspectiva literária que optamos por chamar de literatura vista de baixo, entendida aqui como a produção literária das classes subalternas e marginalizadas. Esse

horizonte de trabalho, a propósito, foi traçado a partir da origem de classe e da situação de miséria de sua autora, levando-nos a desenvolver a noção de “literatura vista de baixo” como uma chave teórica para explicar os limites da representação da pobreza pela literatura culta do Brasil (GONÇALVES, 2014, p. 08).

A literatura vista de baixo, para Gonçalves, é aquela produzidas por pessoas pobres, tal como a escrita de Carolina Maria de Jesus, além de ter vindo, segundo o autor, num momento controverso do ponto de vista político.

Para Antônio Candido (1995) entende-se por literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Assim, a literatura é uma manifestação de todos as pessoas em todos os tempos. Todo povo produz literatura, o homem não vive sem uma boa história. E uma boa história foi criada por Carolina Maria de Jesus no seu diário. Contudo, o fato de ela não ter muito estudo formal fez com que a sua escrita não fosse valorizada e apreciada como os grandes escritores do cânone. A literatura de Carolina é chamada de literatura marginal, conceito que foi apresentado neste trabalho.

Após a leitura de vários trabalhos acadêmicos optamos por elencar esses, mas reitera-se que foram feitas muitas leituras sobre a obra de Carolina Maria de Jesus e são muitos os trabalhos que têm como mote a autora e sua obra, contudo não apareceram muitos trabalhos com a intencionalidade de usar a autora para atividades escolares.

3.5 Análise de dados

E a nossa escritora aparece nos bancos escolares?

O objetivo do trabalho foi recompor o percurso literário de Carolina Maria de Jesus buscando artigos no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES, além de busca no Catálogo de Teses e Dissertações, já que as outras duas ferramentas apresentaram poucos trabalhos voltados para a pergunta da pesquisa.

Pesquisou-se trabalhos acadêmicos que refletiram sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus em sala de aula e, além disso, alguns trabalhos que abordaram pontos relevantes relacionados com a literatura de Carolina, pontos como o cânone literário, o currículo escolar, a escrevivência e a literatura marginal, pretendendo entender como a autora e sua narrativa foram estudados na área acadêmica, principalmente, em relação a *Q.D.* Além dos trabalhos

acadêmicos exemplificados aqui, leu-se várias pesquisas relacionadas com a autora, mas que para não fugir da pergunta da pesquisa não foram relatados na análise de dados. Contudo, essas pesquisas são muito ricas em informações sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus. A relação desses trabalhos acadêmicos encontra-se no Anexo, Mais de Carolina.

Para responder à pergunta da pesquisa foi feita uma revisão sistemática e, de posse dos dados, pode-se perceber que, embora o número de trabalhos acadêmicos seja grande, Carolina Maria de Jesus ainda não está suficientemente presente nos planos de aula ou no currículo escolar, ou seja, nos bancos escolares.

Reafirma-se que a busca foi feita no Google Acadêmico e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES através das palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Currículo escolar; Cânone literário; Escrivência e Literatura marginal e no Portal de Periódicos da CAPES usou-se apenas o nome de Carolina Maria de Jesus para buscar os artigos.

Pode-se perceber que alguns trabalhos acadêmicos apareceram no Google Acadêmico e no Portal de Catálogos de Teses e Dissertações como é o caso da tese de doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, de Maria Aparecida Rita Moreira, com o título de *A Educação para as relações Étnico-raciais e o Ensino de Literatura no Ensino Médio: diálogos e silêncios* (2014).

O texto de Maria Aparecida Rita Moreira destaca a inclusão da literatura afro-brasileira no Ensino Médio e a importância da intervenção do professor para que isto aconteça. Embora o texto não tenha uma ligação direta com a escrita de Carolina Maria de Jesus, foi destacado por sua importância em relação ao conceito de literatura e quanto ao espaço que a literatura afro-brasileira ocupa no universo escolar, pois, assim, também se encaminhou para a problemática da ausência dos textos de Carolina Maria de Jesus em sala de aula.

Concordando com a visão de Maria Aparecida Rita Moreira entende-se que a “prática literária no espaço de sala de aula pode e deve extrapolar a leitura linear de textos canônicos” (MOREIRA, 2014, p. 29), ou seja, ao fazer a pesquisa à procura de textos de Carolina Maria de Jesus em sala de aula, estamos pedindo que seja permitido aos alunos a leitura de textos que estejam fora dos saberes canônicos uma vez que “o processo de compreender a inter-relação de ideologia, língua e poder através de diferentes pensamentos teóricos deve fundamentar a educação literária” (LEAHY-DIOS, 2004 apud MOREIRA, 2014, p. 29).

Neste sentido, o que se quis foi inserir textos literários de uma escritora negra, oportunizando aos estudantes negros e não-negros o convívio com um conhecimento literário que trata e denuncia as relações de dominação e poder.

O outro texto relevante para esta análise de dados, apesar de não ser um trabalho acadêmico voltado para a sala de aula, foi o de Fernanda Rodrigues de Miranda, com o título de *Os caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética* (2013). Neste trabalho vimos uma análise da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), principalmente sobre os livros *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada* (1961); *Pedaços da fome* (1963) e *Diário de Bitita* (1986).

A importância deste trabalho está na visão aqui compartilhada de que:

Carolina Maria de Jesus é precursora da Literatura Periférica no sentido de que ela é a primeira autora brasileira de fôlego a constituir a tessitura de sua palavra a partir das experiências no espaço da favela. Isto é, sua narrativa traz o cotidiano periférico não somente como tema, mas como maneira de olhar a si e a cidade. Por isso, seu olhar torna-se cada vez mais crítico diante do cenário de ilusões que São Paulo projetava com sua falsa imagem de lugar com oportunidades para todos (MIRANDA, 2013, p. 16).

A literatura periférica é a literatura marginal a qual tratei na pesquisa, ela é atribuída às vozes que estão à margem. Reforça-se então que a escrita de Carolina nas escolas públicas é muito significativa, pois a “periferia hoje constitui seu próprio público leitor, pessoas que compartilham os mesmos códigos e que não buscam, a *priori*, o aval da academia ou das grandes editoras” (MIRANDA, 2013, p. 17).

Não se encerra classificando a literatura de Jesus como marginal, pois o debate do que seja literatura nunca se encerra, mas defendo a produção textual de Carolina como algo que poderá dar mais significado aos alunos, pois como já citei antes, na fala de Geraldi, o aluno precisa “ter o que dizer, razão para dizer o que tem a dizer, alguém para dizer o que quer dizer” (GERALDI, 1997, p. 137).

O último trabalho acadêmico que foi destacado na busca do Google Acadêmico é o de Roberta Flores Pedroso com o título de *O Quarto de despejo da literatura brasileira* (2016). Nesta dissertação de mestrado em literatura brasileira, observou-se um estudo de vários escritores negros, silenciados ao longo dos séculos. Essa dissertação é muito pertinente, pois Roberta Flores Pedroso conseguiu colocar no texto todos os anseios elencados nesta monografia

com a obra de Carolina Maria de Jesus, para poder “tornar a minha escrita objeto real para leitura e estudo do cidadão comum” (PEDROSO, 2016, p. 10).

O texto de Roberta Flores Pedroso começou com uma citação de Guimarães Rosa (2001, p.80) que diz o seguinte: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Pedroso continua o texto:

Seguindo o mestre Guimarães Rosa, a saída, o início desta pesquisa, apontava um interesse específico, a obra Quarto de despejo: o diário de uma favelada (1960) e sua enigmática autora, Carolina Maria de Jesus, binômio que em tudo me fascinava. Perguntava-me por que Quarto de despejo em momento algum fora ao menos citado no curso médio e na graduação, afinal uma história tão singular como a de Carolina não poderia ter passado em branco (2016, p.10).

A pergunta de Roberta Flores Pedroso é a mesma feita nesta monografia e com a qual continuamos ao término do trabalho, porque não foi possível coletar dados acadêmicos que fossem suficientes para demonstrar que nossos “desejos” fossem contemplados, ou seja, o sonho de ver a escrita de Carolina nas escolas. Fica como promessa, expectativa que outros consigam realizar o sonho.

A autora da dissertação apontou que depois de encontrar as obras publicadas de Carolina Maria de Jesus,

Nascia em mim um desejo imenso de compartilhar esses livros e a história que os acompanhava, o paratexto, tornava-se possível iniciar uma aula de Literatura Brasileira com uma personagem próxima do número insuficiente de alunos negros da minha escola. As leituras foram acontecendo de forma cronológica, segundo a produção de Carolina. Um horizonte se desenhava para mim e eu me fortalecia, visto que a Lei 10.639/03 deixava de ser apenas um instrumento abstrato para tornar-se um meio de evidenciar a obra de Carolina Maria de Jesus no ambiente escolar (PEDROSO, 2016, p. 10).

Depois de constatar a falta de trabalhos acadêmicos com projetos em sala de aula da obra de Carolina Maria de Jesus, pretende-se elaborar sequências didáticas ou algum tipo de texto sobre a obra dela, para que os professores usem da escre(vivência) de Carolina, compartilhando também do desejo de Roberta Flores Pedroso.

A seguir, destaca-se como foi a busca no Portal de Periódicos da CAPES. Neste Portal a busca foi feita apenas com o nome Carolina Maria de Jesus. E apenas com este nome pode-se chegar ao já mencionado artigo de Francis Paula Correa Duarte (2014) com o título “A memória na sala de aula: o gênero diário íntimo e a (re)construção da identidade”. Conforme comentado, este artigo mostrou a relevância de estudar a obra de Carolina Maria de Jesus em sala de aula, pois contempla-se objetivos da educação escolar, como contribuir para o desenvolvimento integral do sujeito histórico.

Chega-se ao final da descrição de alguns trabalhos que são significativos na busca pelas narrativas de Carolina Maria de Jesus. Os resultados obtidos servirão para criar outros textos que contribuam para o acesso da escrita caroliana nas escolas. Além de trabalhar com a literatura, os textos de Carolina dão base para o trabalho com a Sociolinguística e questões de gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se por meio desta pesquisa encontrar artigos, dissertações e teses que tivessem como mote questões relacionadas com a trajetória da autora Carolina Maria de Jesus. A busca foi feita nas plataformas digitais do Google Acadêmico, no Portal de Periódicos da CAPES e no Portal de Catálogos Teses e Dissertações CAPES.

O objetivo foi encontrar trabalhos acadêmicos que usassem a obra de Carolina Maria de Jesus em projetos relacionados com a sala de aula. A escolha por Carolina Maria de Jesus deu-se por entender que o professor deve estar atento à formação integral do aluno, construindo uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Sendo assim, optou-se por indicar e estudar uma autora que apesar de ter seus livros editados e vendidos para e pelo mundo, ainda não é estudada nas escolas públicas.

Para construir a busca e facilitar o acesso ao objetivo da pesquisa, usou-se as palavras-chave Carolina Maria de Jesus, currículo escolar, cânone literário, escrevivência e literatura marginal, valendo-me de uma revisão sistemática.

A fundamentação teórica foi pensada a partir dos autores Paulo Freire (1997), João Wanderley Geraldi (1999), Mikhail Bakhtin (1999 [1929]), Marisa Lajolo (2017) e Conceição Evaristo (1995).

Usando as ferramentas mencionadas acima encontrou-se vários trabalhos acadêmicos, mas destacou-se apenas alguns, de preferência aqueles que usaram a escrita de Carolina Maria de Jesus como plano em escolas. Todos os trabalhos nomeados produziram excelentes reflexões para a intenção de incluir a autora nos conteúdos de sala de aula, numa forma de tornar o currículo e a literatura menos excludentes.

Sendo assim, existe a pretensão de futuramente elaborar sequências didáticas e textos sobre a obra de Carolina usando a sua escre(vivência) para conseguir uma interação maior por parte do aluno, pois ao ler Carolina Maria de Jesus, muitos estudantes se sentirão contemplados percebendo a proximidade da literatura caroliana com as suas vidas.

A obra de Carolina pode suscitar discussões sobre gênero, raça, racismo, exclusão social, violência, além de servir como estudo na área da sociolinguística. Portanto, é uma obra completa no que se refere à tarefa que o professor tem de estar atento à formação integral do aluno, construindo uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Ao finalizar a pesquisa constatou-se que o currículo ainda é excludente, bem como a literatura lida nas escolas. Essas constatações ficaram comprovadas nos artigos, teses e dissertações que se apresentou nesta monografia, para além dos trabalhos acadêmicos discutidos no corpo do texto encontra-se em anexo outros que embasam esta conclusão.

Em relação à pergunta da pesquisa: Carolina Maria de Jesus é contemplada em projetos escolares?, concluiu-se que, pelo número de artigos, teses e dissertações lidas, a referida autora não circula nos bancos escolares como se gostaria. Pode-se comprovar verificando o número de produções textuais apresentadas nos mecanismos de busca e o que se destacou como projeto em sala de aula.

No Google Acadêmico, apareceram 36 resultados e apenas dois faziam intervenções em sala de aula. No Portal de Periódicos da CAPES com o resultado de 199 artigos, registramos apenas um voltado à escola e no Portal de Catálogos de Teses e Dissertações, pode-se afirmar que observamos um número maior que 50 publicações, mas consideramos uma publicação relevante.

Termina-se a pesquisa com a intenção de ser uma militante de Carolina Maria de Jesus na intenção de fazê-la circular nas escolas públicas e privadas do Brasil, mostrando que o lugar dela não foi no tanque,

Eu disse: o meu mundo é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa. (JESUS, 1996, p. 201).

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Sérgio. **Vida por escrito Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus**. 2014. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/about1-ctqi> . Acesso em: 25 jul. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929].
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-1953]. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. v.5, n.11, p.121-136, 2011.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; MARTINS, Maria Luiza Navarro. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. **Revista Crioula**, [s.l.], n. 21, p.67-84, 30 jun. 2018. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143163>.
- BRASIL. LDBE. Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases - **Lei 9394/96**. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36402> . Acesso em 14 nov.2018.
- CANDIDO, Antonio, do ensaio O direito à literatura, no livro **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARDOSO, R.; SANTOS, O. V.; GATTI, D. C. Revisão sistemática de objetos de aprendizagem para o ensino de computação. In: X Conferência Latino-Americana de Objetos e Tecnologias de aprendizagem - CBIE-LACLO. 2015. Maceió. Anais... X Conferência Latino-Americana de Objetos e Tecnologias de aprendizagem - CBIELACLO, 2015. p.389-393.
- CARDOSO, Marcélia Amorim; PASSOS, Gisele de Andrade Louvem dos. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-1, 06 dez. 2016. Disponível em: <https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formao-docente> . Acesso em: 25 jul. 2019.

COSTA, Renata Jesus da. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo e Paulina Chiziane.** 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [s. l.], n. 44, p.289-302, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184413>.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea.** *Letras de Hoje*, v. 42, p. 18-31, 2007. Disponível online em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112> . Acesso em 25 jul. 2019.

Dicionário do Aurélio Online, 2019. **Significado de Cultura.** Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/cultura>. Acesso em: 10 jul. 2019.

EDUCA + BRASIL. **Portal do estudante.** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao-jovens-adultos>. Acesso em: 25 jul. 2019.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 18, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (*Org.*). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (*Orgs.*). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora.** João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FERRARI, Márcio. Paulo Freire, o mentor da Educação para a consciência. **Nova Escola**, 01/10/2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. Acesso em 14 nov. 2018.

FLORIPA CENTRO. Imagem de Antonieta de Barros. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/antonieta-de-barros-podera-trocar-olhares-com-o-poeta-cruz-e-sousa-confira-como-ficara-o-painel-predial/>. Acesso em: 10 set. 2019.

FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira.** Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em: 14 nov. 2018.

FREIRE, Paulo *et al.* **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. 144 p.
- FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista: uma trajetória**. Florianópolis: Insular, 2016. 432 p.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português, *In: (Org.). O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- GONÇALVES, Emanuel Régis Gomes. **A literatura vista de baixo: o livro quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Literatura, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio**. 5. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010. 2272 p.
- JACOBSEN, Priscila. Razões para utilizar o Google. 18 de dezembro de 2017. **Blog da Biblioteca Central – UFRGS**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/7-razoes-para-voce-utilizar-o-google-scholar-como-fonte-para-a-sua-pesquisa/>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Maria Carolina de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. 236 p.
- LAJOLO, Marisa. **Por Dentro dos Acervos: Carolina é cânone**. 2017. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/carolina-e-canone/> . Acesso em: 26 maio 2019.
- MACHADO, Bárbara Araújo. Escrivência: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.
- MDEMULHER. Imagem de Carolina Maria de Jesus, Editora Malê. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/carolina-de-jesus-por-que-se-fala-tao-pouco-dessa-mulher-iconica/>. Acesso em: 10 set. 2019.
- MEIHY, J. C. (1998). CAROLINA MARIA DE JESUS: EMBLEMA DO SILÊNCIO. **Revista USP**, (37), 82-91. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i37p82-91>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- MELLO, Kátia (Org.). **Trabalhar a literatura de Carolina Maria de Jesus foi imprescindível para descolonizar olhares**. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/trabalhar-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-foi-imprescindivel-para-descolonizar-olhares/>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- MELO, Pedro da Silva. **Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: um estudo sociolinguístico de Quarto de despejo**. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos

Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 14 nov. 2018.

MOREIRA, Maria Aparecida Rita. **A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no ensino médio: diálogos e silêncios**. 2014. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Programa de Pós-graduação em Literatura., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123406> . Acesso em: 25 ago. 2019.

MOREIRA, Maria Eunice. Cãnone E Cãnones: Um Plural Singular. **Letras**, [S. l.], n. 26, p. 89-94, nov. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883>. Acesso em: 18 ago.2019.

O GLOBO. São Paulo, 11 jul. 2016. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928> . Acesso em: 25 jul. 2019.

OLIVEIRA, Cláudia Fernandes. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OLIVEIRA, Maíra Marques de. **Conhecimento pedagógico e tecnológico do conteúdo na formação de professores na educação científica e tecnológica**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PEDROSO, Roberta. **O Quarto de despejo da literatura brasileira**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [s. l.], n. 49, p. 19-32, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018492>.

PEREIRA, Dirlei de Azambuja; CHAVES, Priscila Monteiro; VIEIRA, Daiana Corrêa. **As influências do Existencialismo na Pedagogia de Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/as-influencias-do-existencialismo-na-pedagogia-de-paulo-freire>. Acesso em: 14 nov. 2018.

PERISSÉ, A. R. S.; GOMES, M. M.; NOGUEIRA, S. A. Revisões sistemáticas (inclusive metanálises) e diretrizes clínicas. In: GOMES, M. M. (Org.). *Medicina baseada em evidências: princípios e práticas*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001. p.131-148

PERPÉTUA, Elzira Divina. A proposta estética em Quarto de despejo, de Carolina de Jesus. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 35, n. 18, p.255-266, 2014. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2014v18n35p255/pdf> . Acesso em: 18 ago. 2019.

REIS, Roberto. Cãnon. In.: JOBIN, José Luis (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Coord.). **Educação para Jovens e Adultos. Ensino Fundamental** – propostas curriculares para 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.

RODRIGUES, Silmara. **LETRAMENTO LITERÁRIO NA EJA: Uma prática com Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2018.

Rodrigues, S., & Alves Santos, L. (2019). Diários na EJA: leitura literária de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Revista Desenredo**, 15(1).
<https://doi.org/10.5335/rdes.v15i1.8812>.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. v.20, n.2, 2007.

SANTOS, Jorge Luis Felizardo dos. Quarto de Despejo: uma análise acerca do racismo e da branquitude. **Revista Crioula**, Londrina, v. 1, n. 21, p.378-403, 2018. Semestral.

SANTOS, Maribeth Paes dos. **Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus: uma proposta didática de leitura e análise crítica para a EJA**. 2018. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21473> . Acesso em: 14 jun. 2019.

SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. 2011. 144 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1998.

SOCOLL, Jardel; BOAS, Eliana Vilas (Comp.). **Vida por escrito: Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus**. 2013. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/> . Acesso em: 06 jun. 2019.

SUPER INTERESSANTE: Quantos habitantes havia no Brasil na época do Descobrimento?. São Paulo: Abril, 20 jul. 2018. Mensal. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantos-habitantes-havia-no-brasil-na-epoca-do-descobrimento/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

TELLES, Norma. Autor+a. *In*: Jobim, José Luís (org.). **Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1998.

XIMENES NETO, João. **CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESTRANGEIRA EM NOSSA LITERATURA**. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, p. 85-93, jan. 1995. ISSN 2175-7917. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277/4657>. Acesso em: 20 ago. 2019.

Anexo

MAIS DE CAROLINA

Trabalhos acadêmicos lidos para se formar uma ideia de em que a temática de Carolina Maria de Jesus é mais discutida, além dos que foram colocados na pesquisa.

- LARA GABRIELLA ALVES DOS SANTOS (2015)

CAROLINA MARIA DE JESUS: ANÁLISE IDENTITÁRIA EM QUARTO DE DESPEJO - DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Dissertação

O objetivo deste trabalho, seu propósito, é a investigação sobre a constituição da identidade de Carolina, a partir das teorias de Antônio da Costa Ciampa e Stuart Hall, abordando os aspectos já anteriormente mencionados como espaço, memória e cultura por meio das narrativas presentes em seu livro diário.

- ELIANE DA CONCEIÇÃO SILVA (2016)

A VIOLÊNCIA SOCIAL BRASILEIRA NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Tese de doutorado

O presente trabalho discute a violência social brasileira através de uma análise da obra publicada de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). O objetivo é compreender a violência social brasileira a partir da caracterização do imaginário da sociedade brasileira do século XX, que, guardadas as devidas proporções, aparece delineado nos escritos de Carolina Maria de Jesus. Para isso, foram selecionadas apenas as obras publicadas, uma vez que discutimos também nesta pesquisa questões relacionadas à recepção e à edição das obras, fundamentais para a compreensão da escrita de Carolina Maria de Jesus.

- GISELLE SILVEIRA DA SILVA (2018)

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA QUARTO DE DESPEJO

Dissertação

Essa dissertação tem como objetivo analisar, partindo do viés da ginocrítica e dos Estudos de Gênero, as representações de gênero, femininas e masculinas, construídas através do discurso da autora no seu diário, o Quarto de Despejo, e de como ela, Carolina constrói a sua representação dentro deste espaço, levando em conta todas as particularidades acerca do gênero em questão e das vivências e contexto de produção dessa mulher.

- ALINE ALVES ARRUDA (2015)

Tese de doutorado

Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e Edição Crítica de um Romance Inédito

Este trabalho se propõe, na parte 1, a analisar a obra de Carolina Maria de Jesus em todos os seus gêneros literários: diários, autobiografia, poesia, provérbios e romances, observando como ela possuía um projeto literário. A parte 2 é a edição crítica do romance inédito *Dr. Silvio*.

- JANAINA DA SILVA SA (2017)

Tese de doutorado

ROTAS EM FUGA – A SAGA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM UMA PERSPECTIVA RIZOMÁTICA

Esse trabalho parte de inquietações reproduzidas em minha prática docente acerca da representação do negro. Diante dessa problemática utilizo o discurso da autora mineira Carolina Maria de Jesus que converge para uma retomada de novas apreensões no que se refere ao lugar, ou entre-lugar dimensionado para o negro na sociedade do final do século passado e suas reverberações nos anos seguintes.

- ROSEMERE FERREIRA DA SILVA

Artigo

ENTRE O LITERÁRIO E O EXISTENCIAL, A “ESCREVIVÊNCIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA CRIAÇÃO DE UM PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO

Traz à tona, não só as especificidades de uma literatura entendida como afro-brasileira em todos os seus aspectos políticos e culturais, mas também uma vasta produção feminina que merece destaque em virtude da relevância que a escrita dessas mulheres apresenta no conjunto da produção literária brasileira. Muito mais do que simplesmente contar histórias, ficcionalizando temas e criando personagens, a literatura escrita por mulheres negras tem um empreendedor papel de trazer à cena contemporânea, o debate sobre a importância, o compromisso e a responsabilidade das intelectuais negras em usar a escrita como ferramenta de produção teórica e também como recurso de um tipo de ativismo que fundamenta questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade, presente nos textos escritos por essas autoras.

- IVANA BOCATE FRASSON (2016)

Dissertação

NA COZINHA, O DURO PÃO; NO QUARTO, A DURA CAMA: UM PERCURSO PELOS ESPAÇOS NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Este trabalho tem por objetivo analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, sob o enfoque da construção literária do espaço. A metodologia adotada constou de pesquisa bibliográfica, por meio de um levantamento preliminar dos trabalhos sobre as obras de modo geral, com o objetivo de conhecer a fortuna crítica da autora e sua atual configuração no cenário dos estudos no Brasil e/ou fora do país. Em seguida, foi realizada a análise literária de quatro obras da autora: Diário de Bitita, “Favela” – texto integrante da obra Onde estaes felicidade? Quarto de despejo: diário de uma favelada e Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada.